

794

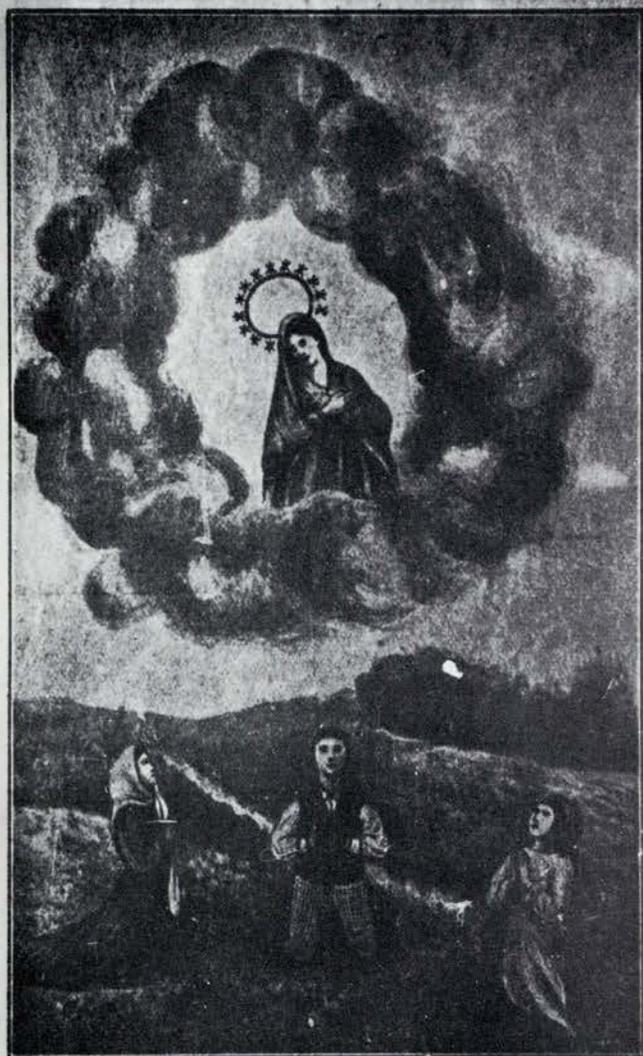
# FATIMA '50

Ano II - N° 19 13/Novembro/1968

INTERNATIONAL



Primeira representação iconográfica  
da «Fátima» de Fátima - distribuída  
na no púlpito local das aparições  
em 13 de Outubro de 1917, dia de graças  
de fênixes rolar, - por mim - or  
quívada na referida data, e encan  
trada quando da mudança do meu  
arquivo de Lourdes para Fátima  
- Casa da Nossa Senhora das Dores - em  
Fevereiro de 1954.  
Cónego Manuel Nunes Formigão



## NOSSA SENHORA DA PAZ

(REGINA PACIS, ORA PRO NOBIS)

Que apareceu a tres pastorinhos na freguezia da Fatima  
concelho de Villa Nova d'Ourem.

Recordação do dia 13-10-1917.

# NOSSA SENHORA DA PAZ

A resposta que a Virgem Maria deu aos pastorinhos que Lhe perguntaram quem era, foi: «sou Nossa Senhora do Rosário.» A resposta era consequente e de fácil interpretação para os videntes. A Senhora sempre lhes aparecia com um rosário pendente das mãos; insistiu com eles para que rezassem muitos terços, para que o rezassem todos os dias, pela conversão dos pecadores, para que se acabasse a guerra. A invocação mais popular em Fátima, para a Virgem Maria, era a de Nossa Senhora do Rosário, cuja imagem era levada, na festa, em procissão devota. Os garotos podiam assim ligar facilmente este título com a realidade da pessoa que lhes aparecia: a Mãe de Deus.

Não tardou muito que se chamasse à Virgem Maria, aparecida na Cova da Iria, Nossa Senhora de Fátima. Os peregrinos, que vinham de perto ou de longe, vinham a Fátima. Embora terra até então ignorada, era, não obstante, uma freguesia, e a Cova da Iria não passava de um insignificante lugarejo sem habitações, absolutamente desconhecido. Compreende-se que o povo começasse a invocar a Virgem como Nossa Senhora de Fátima.

Entre estes dois títulos, porém, existe um terceiro que não só se justifica agora, uma vez mais conhecida a mensagem de Nossa Senhora e as suas implicações, pois que Ela falou repetidamente do

DEPÓSITO LEGAL  
- 0. OUT. 1968

# FÁTIMA-50

INTERNATIONAL

Ano II-Nº19 13 Novembro 1968

REVISTA MENSAL DE ACTUALIDADES,  
DOCUMENTAL E ILUSTRADA  
(ESPAÑOL, FRANÇAIS, ENGLISH)

assunto, um tema que se tornou quase obsessivo tanto durante os diálogos da Virgem com os videntes como, depois, na própria vida íntima destes, nas suas orações, nos seus terrores, nas suas preocupações, como também se apoia na própria definição popular que Lhe foi atribuída: Nossa Senhora da Paz.

Ainda se não tinha encerrado o ciclo das aparições na Cova da Iria e já existia uma estampa que tentava reproduzir essas mesmas aparições, indicando-se nela esta designação: «Nossa Senhora da Paz». A estampa foi distribuída ou, melhor, vendida no próprio local das aparições, Cova da Iria, e certamente nos arredores mais próximos, no dia 13 de Outubro de 1917, dia da última aparição e do «Milagre do Sol».

Quem mandou imprimir esta estampa que reproduz o busto da Virgem Maria, entre nuvens, na metade superior e a figura dos três pastorinhos, em atitude devota, na metade inferior da mesma, deve ter sofrido a influência do tempo de guerra e ainda dos esforços feitos pela Igreja para conseguir, por meio da intercessão da Rainha da Paz (veja-se o artigo do Cón. Barthas publicado no passado número desta revista), a paz para o Mundo. Mas isto não obsta a que, na sua piedade ou espírito comercial, tenha sido um instrumento de Deus para a profecia.

Fruto ou não de um espírito profético, o título com que Nossa Senhora de Fátima foi conhecida ao tempo e durante as Suas aparições conjuga-se perfeitamente com a Sua Mensagem.

Pensar em Fátima e pensar na Paz tornou-se coisa habitual. Pensar na Paz leva-nos, naturalmente, a pensar na Rainha da Paz, no «dom de Deus» que é a Paz e a pedir, insistentemente, a Deus este dom inapreciável e tão necessário.

Pensando na Paz somos conduzidos aos pés de Nossa Senhora de Fátima que falou de Paz e prometeu a Paz se escutarmos os Seus avisos e prometermos-Lhe cumprir as condições impostas para que a Paz nos seja concedida. Levantar-nos-emos com a radiosa certeza de que teremos a Paz se da nossa parte não abjurmarmos da promessa, uma vez que da parte de Deus não existe qualquer obstáculo porque a Palavra de Deus é a Verdade.

O. F.

Editor e Director:  
Cón. Dr. JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA

Chefe de Redacção:  
Dr. MÁRIO MANUEL D'OLIVEIRA FIGUEIREDO

Propriedade do SANTUÁRIO DE FÁTIMA

Dir. Literária e Artística: MÁRIO DE FIGUEIREDO

Redacção, Administração e Publicidade:  
SANTUÁRIO DE FÁTIMA · Telef. 97468

PREÇÁRIO (pagamento adiantado): Assinatura anual (12 números) — 100\$00 — Exemplar avulso: 10\$00  
Ultramar, Espanha e Brasil — Assinatura anual: 120\$00  
Outros países — Assinatura anual: 130\$00

PRIX D'ABONNEMENT - 12 numeros (un an): 130\$00  
Les paiements peuvent être effectués en devises étrangères au taux du jour.

SUBSCRIPTION RATES - Series of 12 copies (1 year): 130\$00 — Payment may be made in any currency at rate of exchange of the day.

SUSCRIPCIÓN ANUAL: 120\$00. El pago puede hacerse efectivo mediante giro postal o cheque bancario.

## NESTE NÚMERO :

### ACTUALIDADES

Noticias de Fátima .....	10
Peregrinações .....	12
Fátima no Mundo .....	27

### COLABORAÇÕES

A 1.ª Imagem de Nossa Senhora de Fátima .....	4
A Paz de que falou Nossa Senhora .....	20
Para a Urbanização da Cova da Iria .....	22

### TESTEMUNHOS

Nossa Senhora da Paz .....	3
----------------------------	---

### RESUMOS

Resúmenes — Résumés — Summary .....	24
-------------------------------------	----

### ILUSTRAÇÕES

Fotos a cores, de Mário de Figueiredo; fotos a preto e branco, de «MARINHO»

Accepta-se publicidade, seleccionada. Preços a combinar.

«FÁTIMA-50» declina toda a responsabilidade sobre os originais que não forem solicitados directamente. Não obstante agradece toda a colaboração espontânea que, se for conveniente, será devidamente retribuída.

Composto e impresso por GRIS, IMPRESSORES, S. A. R. L., Cacém / Portugal.

# A PRIMEIRA IMAGEM

## DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

DE COMO  
QUANDO  
E POR QUEM  
FOI FEITA



*Antunes Borges*

Maqueta, em barro, da cabeça de Imagem da Nossa Senhora de Fátima.

Muitas são já as representações de Nossa Senhora de Fátima, mesmo no âmbito artístico. Nenhuma delas, porém, se encontrará envolvida numa história tão digna de ficar registada como a singela e devota imagem da Capelinha das Aparições.

Aquele minúsculo e deselegante templo apareceu naquele lugar sagrado em cumprimento da maternal insinuação de Nossa Senhora, como resposta à pergunta de Lúcia sobre o que devia fazer ao dinheiro que os fiéis começaram a deixar junto do tronco da azinheira.

Na verdade, era razoável e até digno de toda a consideração que aquele primeiro trono de graças escolhido pela Mãe de Deus — a pequena azinheira — ficasse para sempre assinalado, tanto mais que já em Agosto de 1917 só ali restava o pequeno tronco da carrasqueira.

É, de facto, fácil de imaginar o assalto àquela pequena árvore, para arrebatá-la ainda que fosse uma só folha, logo que os videntes terminavam, junto dela, o seu colóquio com a Aparição.

Surgiu a Capelinha — quatro paredes simples, uma estreita porta e, em frente, um nicho à espera que alguém fizesse surgir a imagem da Senhora aparecida.

A maioria dos múltiplos santuários em honra de Nossa Senhora, desde as grandes catedrais às ermidinhas no cimo das colinas ou ao longo dos caminhos, surgiram à volta duma imagem da Mãe de Deus, expressando uma das Suas prerrogativas.

Em Fátima, como em poucos outros lugares, as coisas passaram-se diversamente. A aparição, portadora de uma mensagem aos homens, apresentou-se como sendo a Senhora do Rosário. Só mais tarde, o público teve conhecimento dos chamamentos relacionados com o Seu Coração Imaculado.

Parece, à primeira vista, que o problema da representação iconográfica estava resolvido, por sua natureza, não obstante que a Mensagem de Maria se nos apresentasse, desde a primeira hora, com algumas características que iam além do conteúdo doutrinário do Rosário, embora, sobre este, recaísse o maior e mais persistente chamamento. Basta, até, recordar a quase condição de salvação imposta ao pequeno Francisco — rezar muitos terços.

Na realidade, as coisas processaram-se doutra forma. O inestético nicho da Capelinha começou a ser ocupado por um pequeno crucifixo. É certo que a reserva da autoridade eclesíástica pode explicar esta ausência duma representação da Mãe de Deus nesta pequena capela, também esta feita por iniciativa particular, embora com o conhecimento e a tácita aprovação do pároco da freguesia.

Mas para além de todas estas circunstâncias, persistia com o seu peso não despreciando a dificuldade da representação humana d'Aquela que havia de ficar na história das Aparições com o nome de Nossa Senhora de Fátima.

Ainda desta vez, foi a imaginação criadora do incógnito particular que fez aparecer, em primeira

mão, uma representação das aparições da Cova da Iria.

É certo que o móvel principal desta tentativa ingénua de representar a aparição de Fátima estava muito ligada ao sentido económico do seu ousado autor. No entanto, não deixa de ter o seu interesse, não pelo lado artístico ou pelo poder de invenção, mas unicamente por se tratar da primeira tentativa de representar a aparição de Nossa Senhora, e por ter aparecido na Cova da Iria, exactamente no dia da última aparição, 13 de Maio de 1917.

Esta representação de Nossa Senhora aparecida em Fátima pode bem confirmar o lado ingrato e difícil de traduzir na pintura, como na escultura, uma nova presença da Mãe de Deus que a distinguisse de tantas outras expressas nas quase infindas prerrogativas que a devoção do povo cristão tem deixado nas invocações marianas.

Surge outra dificuldade manifestada no título que o autor sobrepõe à gravura — **Nossa Senhora da Paz** — e que foi buscar à Ladainha, como se depreende do subtítulo entre parênteses — *Regina pacis, ora pro nobis*.

E para que ninguém pudesse duvidar que esta estampa se referia aos acontecimentos da Cova da Iria, acrescentava: **Que apareceu a três pastorinhos na freguesia de Fátima Concelho de Villa Nova de Ourém**. E como despertador de interesse, concluía, ao fundo: **Recordação do dia 13-10-1917**.

Para o autor desta primeira representação iconográfica do Milagre de Fátima, a Mãe de Deus aparece-lhe como a Senhora da Paz, levado, talvez, pelas circunstâncias da guerra e pelas referências que a Aparição a ela tinha já feito. Não lhe cabia no seu entender qual dos nomes ligados às aparições — Cova da Iria ou Fátima — deveria ser preferido. Votou pela Senhora da Paz.

Na escolha da figuração da Senhora Aparecida não soube encontrar qualquer representação nova, inspirando-se nos quadros da Senhora da Conceição de Murillo. E para que não aparecesse como uma simples cópia, reproduziu, em meio corpo, tudo dentro duma auréola de borrões de tinta figurando nuvens, aquela serena Senhora da Conceição murilesca que nos aparece de cabeça inclinada para a esquerda e com as mãos cruzadas sobre o peito.

Tudo isto no plano superior e sem contacto algum com o resto da gravura, à semelhança dos vulgares ex-votos que tapetam as paredes dos templos marianos que a devoção popular celebrizou.

No primeiro plano, o desenhador quis representar a serra de Aire com as suas colinas e maciços de verdura agreste, tendo, ao centro, a figura de Francisco visto de frente, e em atitude mais de espectador da assembleia invisível dos peregrinos do que de activo e presencial vidente das manifestações da Mãe de Deus. As duas figuras, de Lúcia e de Jacinta, aparecem uma de cada lado, também estas de joelhos e mais de perfil. A Lúcia ocupa o lado esquerdo, de acordo com a inclinação da cabeça da Senhora, quase a querer significar-se que era com ela que o diálogo se travava.

O génio artístico do autor desta apresentação da Senhora da Paz não soube deixar-nos outra melhor visão da presença da Mãe de Deus entre nós no acto da entrega da Sua maternal Mensagem. Todavia, talvez não tenha sido desacertado esse



Imagem de Nossa Senhora da Lapa publicada em 1914 no catálogo da Casa Estrela, do Porto.

ingénuo clarão de luz que o levou a dar-lhe o nome de Nossa Senhora da Paz.

É desta época a introdução deste título de Nossa Senhora nas Ladainhas. Foi ainda Bento XV quem mandou colocar no maior templo mariano de Roma — Santa Maria Maior — a lindíssima estátua em honra da Senhora da Paz.

Por todas estas razões, tem o seu interesse particular esta primeira tentativa de fixar na gravura o Milagre de Fátima.

Só em 1920 haviam de ficar marcadas definitivamente as linhas gerais da iconografia da Senhora de Fátima.

Ainda desta vez, se deveu a um particular a difícil tarefa de tentar interpretar e fazer traduzir na escultura o cunho específico da presença da Mãe de Deus na Cova da Iria.

É o próprio oferente, Gilberto Fernandes dos Santos, quem nos narra a sua grave preocupação acerca da escolha da imagem que prometera a si mesmo comprar para a Capela das Aparições. Foram infrutíferas todas as pesquisas feitas em Lisboa. Só, em segundo tempo, é que lhe veio à mente a ideia de procurar falar com os videntes para obter elementos que lhe pudessem dar a verdadeira feição da Senhora aparecida na Cova da Iria.

Assim o fez, tendo, em seguida, elaborado a descrição daquela que seria a veneranda imagem de Fátima. Com estes elementos descritivos diri-



giu-se à Casa Fânzeres, de Braga, pedindo que lhe fosse apresentada uma maquete. Pouco depois, o Rev. Cônego Nunes Formigão confirmava pessoalmente estes mesmos elementos à direcção da referida Casa Fânzeres.

Apesar desta confirmação da parte de quem melhor do que ninguém conhecia cada um dos pormenores da Senhora Aparecida em Fátima, na sua qualidade de confidente nos múltiplos colóquios com os videntes, a primeira imagem da Senhora mais brilhante do que o Sol pouco ou nada nos apresentaria de original e característico. O devoto oferente narra no seu livro — *Os grandes fenómenos da Cova da Iria*, págs. 44 e seguintes — que a maquete lhe tinha sido mandada para Torres Novas, tendo, nesta altura, apresentado algumas modificações, que o escultor teria atendido.

Esta afirmação, em relação à vinda da maquete à consideração do oferente e às modificações daqui derivadas é contradita pelo executor, José Ferreira Thedim. Segundo me comunicou pessoalmente, por ocasião da visita ao seu gabinete de trabalho, a referida maquete foi, apenas, levada de sua casa a Braga, tendo recebido a aprovação da Casa Fânzeres, por conta de quem trabalhava. Nesse mesmo dia, voltou para a sua terra, passando à madeira o que tinha realizado no barro.

Entretanto, Gilberto Fernandes dos Santos foi informado do andamento dos trabalhos, tendo-se dirigido a Braga, por julgar que era ali, na sede da Casa Fânzeres, que a obra se estava a realizar.

Segundo testemunha José Ferreira Thedim, o oferente chegou a Braga, em Quinta-Feira Santa — nesse ano a 4 de Abril — tendo-se dirigido, no dia seguinte, acompanhado pelo sr. Américo Fânzeres, a S. Mamede de Coronado, onde viu, pela primeira vez, a maquete da Senhora da Fátima. É ainda parecer firme de Thedim que nenhuma modificação especial foi introduzida na imagem após esta visita, como é de aceitar pelo que adiante será exposto.

Pena foi que a correspondência travada entre o oferente da imagem e a casa encarregada da sua execução tenha saído da posse de quem cuidadosamente a conservara. Por meio dela seria possível averiguar o que havia de verdadeiramente específico nesta representação iconográfica de Nossa Senhora de Fátima. Resta-nos aguardar a publicação crítica dos documentos referentes a Fátima para podermos verificar a justeza das conclusões a que foi possível chegar neste particular.

Em visitas feitas à Casa Fânzeres e em seguimento a outras realizadas anteriormente, pelo erudito dr. Avelino de Jesus Sousa, não foi possível encontrar outros documentos. Seriam de grande interesse, pois, como a seguir se verá, a imagem que hoje se venera na Capelinha das Aparições pouco ou nada tem de original.

Segundo afirma Gilberto Fernandes dos Santos, na primeira semana de Maio de 1920, chegava a Torres Novas, pelo caminho de ferro, a imagem que havia de ocupar o nicho da Capelinha, e à volta da qual tantos corações haviam de depositar os seus agradecimentos e chorar as suas amarguras.

Como era de esperar das circunstâncias dos tempos de então, as contrariedades que acompanharam a apresentação da Mensagem da Mãe de Deus aos homens não podiam deixar de renovar-se à volta da Sua primeira imagem, visto que, nos

planos de Deus, lhe estava reservada grande participação na distribuição das Suas graças.

Foi assim que, logo ao ser retirada da caixa de madeira que a transportara de Braga a Torres Novas, uma inexplicável imprudência provocou um pequeno incêndio no papel que a envolvia, dando origem a que a pintura da parte traseira se queimasse.

Podemos imaginar-se facilmente a consternação que este inesperado incidente ocasionou. Compreende-se também o urgente recurso à casa que tinha realizado com tanto cuidado aquela que ficaria conhecida, em todo o Mundo, como a verdadeira imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Com a mesma solicitude foi chamado, partindo imediatamente para Torres Novas, o sr. Américo Fânzeres, o qual esteve durante três dias a reparar o dano causado pelo incêndio que a aproximação duma simples vela acesa originou.

Aproveitando a sua estada tão próxima da Cova da Iria, o sr. Américo Fânzeres resolveu acompanhar o devoto doador até Fátima, servindo-se do meio de transporte utilizado — uma galera puxada por uma muar — fazendo o percurso da serra de Aire em quatro horas.

Antes, porém, novas preocupações tinham surgido da parte da autoridade civil, que se apressou a chamar Gilberto Santos à administração, tendo sido, em seguida, a sua casa posta sob vigilância permanente pela Guarda Nacional Republicana.

Apesar disso, a imagem saiu serenamente no carro, passando por entre os dois guardas, sem que notassem a sua presença.

As 10 horas desse dia de Maio de 1920, chegavam o oferente e Américo Fânzeres junto da casa do pároco de Fátima, a quem entregaram a Imagem. Estava, então, a tomar conta da freguesia o padre Manuel Bento Moreira.

Em carta dirigida ao oferente da imagem da Capelinha, datada de Abril de 1954 e devidamente autenticada, o rev. padre Moreira confirmava: «os factos ocorridos comigo estão relatados com toda a verdade» no livro publicado por Gilberto Fernandes dos Santos.

Ainda antes de voltarem para Torres Novas — segundo informação dada por Américo Fânzeres — «apareceu a vidente Lúcia, a quem foi perguntada a opinião sobre a imagem, se a Imagem de Nossa Senhora de Fátima era assim ou mais bonita». A vidente, que tinha sido previamente convidada para ver a imagem, respondeu: «Nossa Senhora é muito mais bonita; é lindíssima.»

Esta resposta da Lúcia nada esclarece sobre se o autor da imagem interpretou bem ou não as informações relativas à forma como Nossa Senhora se apresentou nas Suas aparições, na Cova da Iria.

Parece, todavia, que não. A primeira imagem da Capelinha das Aparições foi inspirada, para não dizer copiada até aos mínimos particulares, numa imagem de Nossa Senhora da Lapa, executada por intermédio da Casa Estrela do Porto.

Deve-se ao dr. Xavier Coutinho a primeira informação, como consta da sua obra — *Nossa Senhora na Arte*, págs. 140-144 — deste particular.

No intuito de obter novos esclarecimentos sobre a origem desta imagem da Senhora da Lapa, desloquei-me ao Porto. Apenas me foi possível verificar a existência da fotografia original e que serviu para a organização do catálogo publicado pela



Casa Estrela, em 1914, onde aparece a sua reprodução.

Nenhuma outra informação foi possível colher, visto o seu titular, Alberto de Almeida Estrela, ter morrido há poucos anos.

Do exame das várias imagens de Nossa Senhora reproduzidas nesse catálogo pode tirar-se a conclusão que foi esta casa que divulgou aquele tipo de roupagem que aparece na imagem da Senhora da Lapa e se repete em Nossa Senhora de Fátima e em muitas outras, como é fácil verificar na imagem da Senhora do Rosário, cuja fotografia se publica neste trabalho.

Por outro lado, sabe-se que, tanto o autor da imagem da Capelinha, José Ferreira Thedim, como a família de Amálio Maia e outros executores de imagens de Santos fizeram trabalhos quer para a Casa Estrela do Porto, quer para a Casa Fânzeres de Braga.

Na visita feita às oficinas de Amálio Maia pude verificar que o catálogo da Casa Estrela de 1914 ainda hoje ali existe; o mesmo se diga quanto às oficinas de Avelino Vinhas, onde me foram apresentadas algumas folhas do mesmo catálogo, até

com uma certa manifestação de contentamento, quase a querer significar que estava bem informado.

Tudo isto comprova o que acima se afirma, que a Casa Estrela exerceu influência em toda aquela região do Norte do País, onde se trabalha na escultura religiosa.

Mas o que mais interessava era conhecer alguma coisa através da pessoa que fez a primeira imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Consultado pessoalmente sobre este particular, respondeu que, passados tantos anos após a execução daquela que havia de ser o atractivo de tantos milhões de fiéis, era difícil recordar a influência directa que a imagem da Senhora da Lapa teria tido sobre o seu primeiro trabalho para Fátima. Embora conhecendo o catálogo da Casa Estrela de 1914 e sabendo até da sua influência neste campo, José Ferreira Thedim diz não ter a mínima ideia de alguma vez ter conhecido a imagem da Senhora da Lapa. Atevia-se, até, a afirmar que nunca a conhecera.

Diante desta afirmação categórica torna-se muito difícil explicar como as duas imagens — Senhora da Lapa e Senhora de Fátima — apresentam semelhanças tão acentuadas não só no panejamento dos vestidos como no seu número, na posição das mãos e da cabeça e em muitos outros particulares. Note-se a posição dos pés, o cair do véu, do primeiro e segundo vestidos interiores, as suas mangas, aparecendo as do exterior, em ambas as imagens, com o mesmo corte e curteza.

Apenas diferem um pouco na cabeça por o manto não cobrir todo o cabelo na Senhora da Lapa e na penha desta que se apresenta com vários Anjos.

Não existe, como se vê, qualquer inspiração nova e particular na imagem de Nossa Senhora de Fátima. O seu autor apenas conseguiu dar-lhe uma expressão muito própria que constitui o principal atractivo da Senhora da Capelinha.

Até o facto de ter conservado apenas a maquete da cabeça, nos leva a admitir que existiu, na realidade, influência directa daquele tipo de imagens com aquelas linhas gerais.

Não é, sequer, de excluir que o principal transmissor das informações da vidente Lúcia tenha tido conhecimento deste catálogo. Foi, de facto, o cônego Nunes Formigão que esteve em Braga e deu todos os esclarecimentos à Casa Fânzeres.

Seria, até, interessante descobrir aquela imagem da Senhora da Lapa, conhecer o seu autor e saber o seu primitivo destino, informações que os actuais proprietários da Casa Estrela não puderam dar. Não deixaria de ter muito interesse tentar adquiri-la para o museu do Santuário de Fátima, pois pode considerar-se como a maquete antecipada da Senhora da Capelinha.

A título de informação curiosa não ficam descabidos mais estoutros elementos que se relacionam com o custo da imagem de Fátima, da sua reparação feita em Torres Novas, após o incidente do incêndio e a viagem do restaurador.

Com data de 26 de Abril de 1920, a Casa Fânzeres mandava uma factura a Gilberto Fernandes dos Santos, dizendo:

«Imagem de Nossa Senhora de Fátima... 220\$000; Caixa e embalagem, 9\$500. A margem, com data de «Maio 15», acrescentava: «Imagem pequena de N. Senhora de Fátima, de 0,30 d'alto, 66\$000; Viagem do Américo, ida e volta, 18\$240; Dias de tra-



Imagem de Nossa Senhora do Rosário mandada fazer pela Casa Estrela, do Porto, em 1923.



Primeira fotografia da imagem de Nossa Senhora de Fátima, feita em Braga na Casa Fânzeres, em Maio de 1920, antes da imagem partir para Torres Novas.

balho e tintas, 25\$000; M/ factura de 30 de Abril p. p. 4\$710; M/ factura de 12 de Maio corrente, 88\$520; Fotografias, 3\$400.» (Total), 435\$370.»

Daqui se verifica mais que logo foi executada pela mesma Casa uma outra imagem de Nossa Senhora de Fátima, de formato pequeno. Não deixaria de ter interesse saber do paradeiro desta pequena imagem para se poder verificar até que ponto reproduzia a primeira ou se dela se afastava nalgum particular. Informa Ferreira Thedim que não a executou e que nem sequer sabia da sua existência.

Se a origem da primeira imagem de Nossa Senhora de Fátima nos aparece um tanto singular, não menos inexplicável se nos apresentam as modificações nela introduzidas, como não podem deixar de ser consideradas estranhas as circunstâncias em que foram executadas.

Começemos por examinar a primeira circunstância que está na base de todas as singularidades passadas à volta desta já veneranda imagem. Não foi possível encontrar qualquer documento que nos dis-

sesse quando, onde e quem realizou as modificações que a actual imagem apresenta.

Pelas fotografias das sucessivas peregrinações existentes no arquivo do Santuário, chegou-se a este acerto de que foram realizadas entre Outubro de 1951 e Maio de 1952. De facto, na peregrinação deste mês, a imagem de Nossa Senhora já se apresenta com a roupagem modificada.

Quanto à pessoa que efectuou estes trabalhos, foi o dr. Xavier Coutinho que abriu o caminho, referindo na sua citada obra que tinha sido José Ferreira Thedim.

Guiado por esta informação dirigi-me ao gabinete de trabalho do autor da primeira imagem de Fátima para o ouvir sobre este e outros particulares deste assunto. Confirmou que, na verdade, fora ele quem introduzira essas modificações, em data que não podia precisar e em sua casa, para onde fora levada a imagem por ordem do senhor D. José Alves Correia da Silva, para ser simplesmente pintada e retocada na peanha gasta pelo permanente toque das mais variadas espécies de objectos religiosos.

Quanto às modificações introduzidas, o seu autor confesso que ninguém lhe tinha pedido ou ordenado que fizesse qualquer retoque na escultura. Foi por sua livre e exclusiva iniciativa, motivada, é certo, pela informação de que a Irmã Lúcia teria dito que Nossa Senhora não tinha uma roupagem tão complicada.

Por mais estranha e inqualificável que nos pareça esta decisão, tudo nos leva a crer que foi, realmente desta forma, que as coisas se processaram, tendo-se limitado o seu incauto autor a informar o senhor D. José, na altura da entrega da imagem.

Ainda desta vez, a ausência de qualquer documento sobre o facto não é suficiente para deixar de dar crédito às convincentes afirmações do autor, apesar de, nalguns outros esclarecimentos, dever ser contraditado. Referem-se estes particulares às várias modificações introduzidas na imagem da Capelinha.

Segundo afirmou Thedim, e com acentos de segurança, a única modificação efectuada na imagem teria sido apenas nas mangas dos vestidos. Das três que apareciam na primitiva, tinha tirado somente a mais larga, aperfeiçoando a segunda que passou a ser a principal do vestido propriamente dito.

Na realidade, assim não sucedeu. Outras modificações consideráveis foram introduzidas:

a) A imagem primitiva, como se pode verificar pela primeira fotografia aqui reproduzida, apresentava duas estrelas, uma abaixo da cintura e outra quase no fundo do vestido. Aquela foi retirada.

b) O cinto e o fecho dos punhos do vestido interior sofreram também uma sensível modificação.

d) Os pés, que se apoiavam sobre uma espécie de sandálias, aparecem, agora, directamente pousados na nuvem que constitui a peanha.

e) Tem-se ainda a impressão que o característico e devoto rosto da Senhora também foi retocado, pois já nele se não vê aquela delicada e muito própria expressão que, inicialmente, apresentava. A negativa dada pelo escultor sobre este particular não parece poder aceitar-se. Com efeito, as feições da actual imagem dão a impressão de mais estreitas, o que não parece poder derivar unicamente da pintura, como quer explicar Thedim.

Estamos, pois, diante de um facto insólito e incompreensível, mas que é inegável. Nem as simples



Imagem de Nossa Senhora de Fátima depois das modificações feitas em 1951-1952

razões apresentadas pelo autor desta inacreditável atitude parecem ser convincentes e exclusivas.

É notório que José Ferreira Thedim apresenta um certo progresso nos seus trabalhos de execução de imagens religiosas. É muito natural e facilmente compreensível que, passados 30 anos, a presença da sua primeira imagem, já tão célebre em todo o Mundo, no seu gabinete de trabalho, lhe tenha suscitado o desejo de a aperfeiçoar, tanto mais que se encontrava, nesta altura, bastante danificada. Não é de excluir que lhe surgisse o pensamento

de lhe retirar alguns dos elementos que mais a aproximavam da referida imagem da Senhora da Lapa — as mangas dos vestidos e as próprias sandálias que também esta tinha.

Tudo isto pode ser a verdadeira explicação do insólito facto de se ter abusivamente realizado esta transformação, sem prévia autorização do Prelado da Diocese que, na sua forte e rígida personalidade, nunca teria dado licença de tocar naquela que tanto gostava de classificar com a designação de «a minha Senhora.»

# NOTÍCIAS DE FÁTIMA

## 13.<sup>a</sup> PEREGRINAÇÃO DE PENITÊNCIA DA DIOCESE DA GUARDA

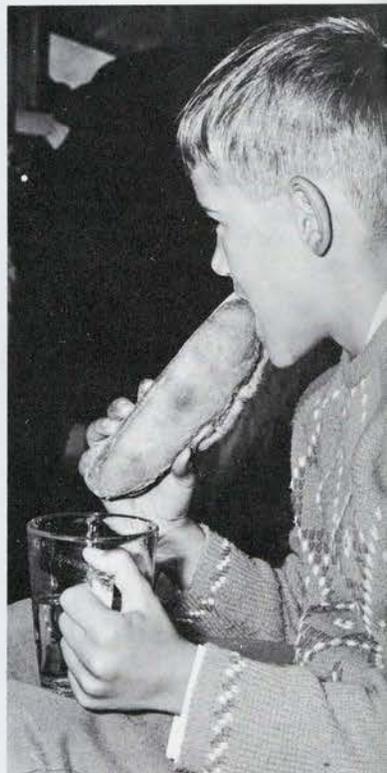
A vulgarmente chamada «peregrinação a pão e água», pela característica de os peregrinos, em espírito penitencial, apenas se alimentarem com pão e se dessedentarem com água durante todo o tempo da viagem de vinda e regresso e correspondente estada em Fátima, realizou-se este ano, entre os dias 23 e 26 de Setembro. Foi a 13.<sup>a</sup>, a testemunhar uma persistência digna de admiração.

Cerca de 3000 pessoas tomaram parte nesta peregrinação, tendo-se dividido em dois turnos, por regiões, para facilitar a organização, tanto mais que a sua Casa Abrigo começou a funcionar, para dar dormida aos peregrinos, e não poderia albergá-los todos ao mesmo tempo. O primeiro turno foi o da Beira Alta, nos dias 23 e 24, o segundo o da Beira Baixa nos dias 25 e 26, tendo presidido a cada, em representação do senhor Bispo da Guarda, respec-

tivamente o padre Manuel Francisco Cardoso e o padre Morgadinho, da Covilhã.

Foi distribuído a todos os peregrinos um folheto que, além das indicações úteis para o bom andamento da peregrinação, os informava do movimento económico a propósito da construção da Casa Abrigo da Diocese da Guarda. Por ele se pode ver que, ao longo das 12 primeiras peregrinações, deduzidas as despesas com a sua organização, se realizou um saldo de 535 169\$30 que somados a outras ofertas fora das peregrinações (201 690\$30) perfazem 736 859\$60. Na Casa Abrigo foram gastos, até ao passado mês de Junho, 1 226 727\$60. Deduzida a importância anterior, apresentsenta-se um saldo negativo de 489 868\$00, para o qual se chama a atenção dos diocesanos da Guarda para que contribuam generosamente de forma a liquidar toda a despesa.

Segundo informações colhidas junto dos organizadores, sabe-se que futuramente esta peregrinação de penitência será feita por sistema regional para facilmente albergar os peregrinos na Casa Abrigo que para tal fim construíram.



## PEREGRINOS JUGOSLAVOS

Mais um numeroso grupo de peregrinos jugoslavos esteve na Cova da Iria, no mês de Setembro. Foram cento e sessenta e seis pessoas de Lubliana que realizaram diversas cerimónias religiosas em honra de Nossa Senhora de Fátima.

## TRABALHADORES ESPAÑHÓIS

Cerca de trezentos trabalhadores espanhóis estiveram na Cova da Iria no dia 1 de Outubro. Ouviram missa celebrada pelo padre Ramon Gomez Ruiz, de Toledo, que dirigiu uma saudação a Nossa Senhora em nome dos trabalhadores espanhóis peregrinos e a estes explicou o sentido da mensagem de Fátima. A peregrinação realizou-se dentro do programa de intercâmbio entre trabalhadores portugueses e espanhóis da F. N. A. T. por parte de Portugal e da «Educación y Descenso» por parte da Espanha.

## PATRIARCA ARMÉNIO CATÓLICO VISITA FÁTIMA

No dia 17 de Outubro esteve na Cova da Iria o Patriarca Arménio Católico Mons. Inácio Pedro Battanian, que viera a Portugal para, em nome de Paulo VI, condecorar com a Ordem de São Gregório Magno o Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, dr. Azeredo Perdigão. Acompanhavam o ilustre Patriarca Mons. Hemayak Guédignian, Abade Geral da Congregação Meqnitarista de Veneza, Mons. Nerses Sétian, Reitor do Seminário Arménio de Roma e sr. V. Manian, funcionário arménio da Fundação Gulbenkian.

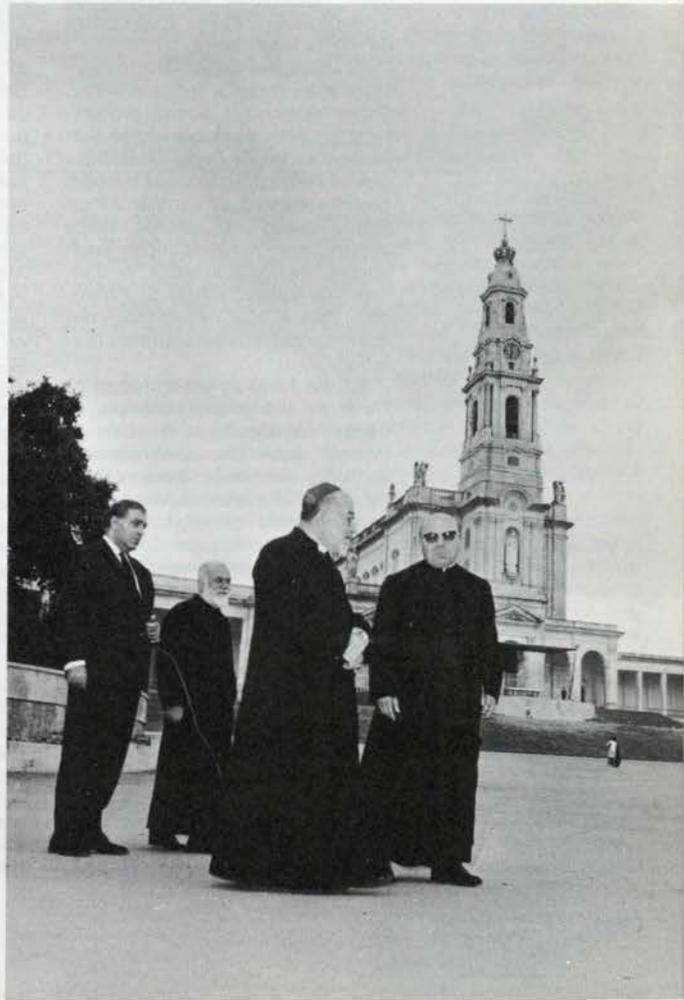
Recebido pelo Reitor do Santuário, Mons. António Antunes Borges, o Patriarca Battanian dirigiu-se à Capelinha das Aparições onde celebrou missa em rito arménio. Mons. Nerses explicou aos assistentes o sentido das diversas cerimónias.

Os peregrinos visitaram seguidamente a Basílica e outros lugares da Cova da Iria, mostrando-se satisfatoriamente impressionados com tudo o que viram e não regateando louvores à excelente organização do Santuário, onde, disseram, «se respira como que um ar celestial de piedade e devoção para com a Mãe de Deus».

Na Casa de Retiros de Nossa Senhora do Carmo, foi-lhes oferecido um jantar a que assistiu o senhor D. Domingos de Pinho Brandão, Bispo Auxiliar de Leiria. Durante o repasto foram trocados breves e significativos brindes.

Todos os dignitários arménios foram obsequiados com medalhas comemorativas do Cinquentenário e um exemplar do magnífico Album comemorativo da visita do Papa, editado pelo Santuário.

Imagens da visita de Mons. Inácio Pedro Battanian à Cova da Iria: durante a celebração da missa na Capelinha e acompanhado pelo Reitor do Santuário.



Peregrinos de muitas nacionalidades vieram à Cova da Iria.



Foi esta a última das grandes peregrinações de 1968. Deverem ter-se reunido cerca de 200 000 pessoas procedentes de todos os pontos do País e do estrangeiro. Entre os mais numerosos grupos de peregrinos nacionais notou-se um de Sacavém constituído por 800 pessoas. De entre os estrangeiros deve assinalar-se a presença de mais de 200 alemães procedentes de várias localidades.

As intenções particulares da peregrinação foram a Igreja e a Paz. Sobre estes dois temas pronunciou notáveis alocuções o senhor Bispo Auxiliar de Leiria, D. Domingos de Pinho Brandão, que também presidiu a todas as cerimónias em representação do senhor Bispo ausente em Damasco, onde inaugurava, na mesma altura, o Santuário de Nossa Senhora de Fátima, obra para a qual largamente concorreram benfeitores e artistas portugueses.

No dia 12 já se encontravam na Cova da Iria muitos milhares de peregrinos. Desde as 4 horas da manhã, desse dia, celebraram-se, de meia em meia hora, missas na Capelinha das Aparições. O primeiro acto oficial foi, porém, a missa celebrada às 17,30 por Mons. Manuel Alves Guerreiro.

## SÃO PAULO DA CRUZ NA ARCADA DO SANTUÁRIO

Seguiu-se a bênção e inauguração da estátua de São Paulo da Cruz, fundador da Congregação

dos Passionistas, coroando mais uma coluna na arcada do Santuário. Muitas centenas de peregrinos acompanharam os sacerdotes passionistas e seminaristas da Congregação durante a simples cerimónia, a que presidiu o senhor Bispo Auxiliar de Leiria. Em representação do superior provincial, em Portugal, da Congregação dos Padres da Paixão, ausente em Roma, estava o vice-comissário da mesma congregação, padre Bento Parola. Estavam peregrinos da Corunha a representar a Casa dos Passionistas daquela cidade galega e, principalmente, peregrinos de Palhais, Barreiro — paróquia entregue aos cuidados dos Passionistas. O Santuário estava representado pelo seu, Reitor, Mons. António Antunes Borges.

Antes da bênção da estátua, o padre Joaquim da Costa Peixoto, de Miranda, proferiu uma alocução alusiva ao acto, sublinhando os passos da vida de São Paulo da Cruz e da sua pregação que mais intimamente se relacionam com Fátima. Notou a semelhança entre a Mensagem penitencial de Nossa Senhora de Fátima e a pregação penitencial de São Paulo da Cruz, que até à Congregação Religiosa por ele fundada quis dar o nome e o espírito redentor da Paixão de Cristo.

O senhor D. Domingos, antes de benzer a estátua, dirigiu umas palavras aos Passionistas para lhes agradecer a oferta da imagem do seu fundador ao Santuário de Fátima. De facto, a estátua, esculpida em mármore branco de Estremoz, por uma casa do Porto, é oferta das 150 Casas da Congregação espalhadas pelo Mundo inteiro.



Estátua de São Paulo da Cruz, executada no Porto, em mármore de Estremoz. Mede 2 metros de altura. Oferecida pelos Padres Passionistas foi inaugurada no dia 12 de Outubro de 1968.



## VIGILIA NOCTURNA

Ao fim da tarde foi celebrada missa no altar exterior da Basílica para 253 soldados do Campo de Instrução de Santa Margarida. Foi celebrante o capelão tenente padre António Esteves.

A vigília nocturna iniciou-se às

22,30 horas com a recitação do terço intercalado de leituras bíblicas e cânticos populares. A vasta esplanada apresentava o aspecto das melhores noites de vigília em Fátima. Respirava-se piedade e fé no plácido ambiente nocturno.

Terminada a reza do terço foi exposto solenemente o Santíssimo Sacramento para a habitual hora de adoração. O senhor D. Domingos de Pinho Brandão dirigiu a hora de reparação nacional, proferindo duas práticas alusivas.

## O CATÓLICO É O HOMEM DA VERDADE

### 1.ª MEDITAÇÃO DA NOITE

*Jesus Cristo está verdadeira, real e substancialmente presente na Hóstia Consagrada.*

Preside a esta nossa reunião que chamamos Hora Santa, e o deve ser para todos nós. Começemos por fazer um acto de fé na presença de Jesus na Eucaristia. No Credo do Povo de Deus, foram estas as palavras que o S. Padre proclamou a prosóito da Eucaristia e que nós vamos repetir: «Cremos que, como o pão e o vinho, consagrados pelo Senhor na Última Ceia, foram mudados no Seu Corpo e no Seu Sangue, que iam ser oferecidos por nós na Cruz, assim também o pão e o vinho consagrados pelo sacerdote se mudam no Corpo e no Sangue de Cristo glorioso que está no Céu; e cremos que a misteriosa presença do Senhor naquilo que continua a aparecer aos nossos sentidos, do mesmo modo que antes, é uma presença verdadeira, real e substancial.

Cristo não pode estar assim presente neste sacramento senão pela

*mudança no Seu Corpo da realidade mesma do pão e pela mudança no Seu Sangue da realidade mesma do vinho, que os nossos sentidos percebem. Esta mudança misteriosa é denominada pela Igreja, de modo muito apropriado, «transubstanciação».*

Toda a explicação teológica que procura alguma compreensão deste mistério deve, para estar de acordo com a fé católica, admitir que na própria realidade, independentemente do nosso espírito, o pão e o vinho cessaram de existir, depois da consagração, de tal modo que estão realmente diante de nós, o Corpo e o Sangue adoráveis do Senhor Jesus, sob as espécies sacramentais do pão e do vinho, conforme Ele assim o quis, para se dar a nós em forma de alimento e para nos associar à unidade do Seu Corpo Místico.

A única e indivisível existência do Senhor glorioso que está no Céu, não é multiplicada, mas torna-se presente pelo Sacramento, em todos os lugares da Terra onde a Missa é celebrada. E permanece presente, depois do sacrifício, no Santíssimo Sacra-

*mento, que está no sacrário, coração vivo de cada uma das nossas igrejas. E é para nós um dulcíssimo dever honrar e adorar, na Sagrada Hóstia, que os nossos olhos vêem, o Verbo Encarnado que eles não podem ver e que, sem deixar o Céu, se tornou presente no meio de nós.*

Renovemos, pois, o nosso acto de fé na presença real de Jesus Cristo na Hóstia Consagrada e digamos: «Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos».

Na presença de Jesus, meditemos em algumas exigências da vida cristã.

Fala-se hoje em verdade na vida cristã. Emprega-se frequentemente a palavra autenticidade, a par com seriedade, lealdade e carácter. A estas deveríamos juntar muitas outras, entre as quais uma que anda, na prática, muito esquecida: heroísmo.

Para, no entanto, que quanto mais se insiste em certas ideias, menos se cumprem. Há pelo mundo muito individualismo ou egoísmo que se defende ou julga defender-se com palavras atiradas ao vento.

Atitudes que podem enganar, quando

o conseguem, mas só por momentos. «Não é boa árvore a que dá frutos maus, nem má árvore a que dá bom fruto. Porquanto cada árvore se conhece pelo seu fruto. Pois nem se colhem figos dos espinheiros, nem se vindimam uvas dos abrolhos» (Lc., VI, 43-44).

Não basta para ser bom, enroupar-se alguém exteriormente com manto de bondade. Pode haver lobos traiçoeiros escondidos sob peles de ovelha. É do Evangelho.

Jesus Cristo condena duramente os fariseus e os hipócritas, o seu orgulho.

Lemos no Evangelho de S. Lucas: «Disse também esta parábola a uns que confiavam em si mesmos, como (se fossem) justos, e desprezavam os outros: subiram dois homens ao Templo a fazer oração, — um fariseu e outro publicano. O fariseu, de pé, orava no seu interior desta forma: graças te dou, ó Deus, porque não sou como os outros homens, ladrões, injustos, adúlteros, nem como este publicano. Jejuo duas vezes na semana, pago o dízimo de tudo o que possuo. O publicano, porém, conservando-se a distância, não ousava sequer levantar os olhos ao Céu, mas batia no peito dizendo: meu Deus, tem piedade de mim pecador. Digo-vos (continuou o Senhor) que este voltou justificado para sua casa, e não o outro; porque quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado» (Lc. XVIII, 9).

Conhecemos esta outra passagem do Evangelho, segundo S. Lucas: «Quando Jesus estava falando, um fariseu convidou-o a ir jantar com ele. E, tendo entrado, sentou-se à mesa. O fariseu começou a pensar e a discorrer consigo porque motivo se não tinha purificado antes de comer. E o Senhor disse-lhe: agora, vós, os fariseus limpais o que está por fora do vaso e do prato; mas o vosso interior está cheio de rapina e de iniquidade ...

Ai de vós, fariseus, que pagais o dízimo da hortelã e da arruda e de toda a casta de ervas, e desprezais a justiça e o amor de Deus!

Ai de vós, fariseus, que gostais de ter as primeiras cadeiras nas sinagogas, e as saudações nas praças! Ai de vós, porque sois como os sepulcros que não se vêem, e que os homens que passam por cima não conhecem» (Lc. XI, 37 ss.).

E mais passagens do Evangelho poderia referir em que Jesus Cristo condena àsperamente a hipocrisia e o farisaísmo, a vaidade, o orgulho. No Evangelho, segundo S. Marcos, lemos: «E reuniram-se em volta de Jesus os fariseus e alguns dos escribas, vindos de Jerusalém. E tendo visto alguns dos seus discípulos comer o pão com as mãos impuras, isto é, por lavar,

censuraram-nos. Porque os fariseus e todos os judeus em observância da tradição dos antigos, não comem sem lavar as mãos muitas vezes; e quando vêm da praça pública não comem sem se purificarem, e praticam muitas outras observâncias tradicionais ... Ora os fariseus e os escribas interrogaram-no: porque não andam os teus discípulos segundo a tradição dos antigos, mas comem as refeições sem lavar as mãos? E ele, respondendo, disse-lhes: com razão Isaías profetizou de vós, hipócritas, como está escrito. Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim».

Em muitos outros textos Jesus Cristo verbera e condena a hipocrisia, o farisaísmo, o orgulho.

Ao lermos estas e semelhantes passagens, somos levados talvez a pensar nos outros, quando deveríamos pensar muito em nós, fazer um exame sério à nossa consciência e à nossa vida. Haverá, porventura, muito que modificar. E a renovação que tanto apregoamos deve começar por nós.

O próprio facto, ao ler tais passagens, de crivarmos a vida dos outros pelas malhas do Evangelho, colocando-nos em atitude de juízes, é já uma manifestação de egoísmo, de farisaísmo. «Não julgueis para não serdes julgados», diz o Senhor. Vemos com facilidade o defeito leve nos olhos dos outros; não vemos as largas e escuras manchas nos nossos. Medice, cura teipsum. Aumentamos ainda os defeitos dos outros, calando e ocultando os nossos. Sim!

Vemos facilmente faltas nos outros, não as vemos facilmente em nós. Não reconhecemos que somos pecadores. E justificamo-nos. São escuras e deformantes as lentes que usamos.

Como na parábola dos dois que entraram no templo.

O fariseu, de atitude arrogante, afirmava-se justo e proclamava-se juiz. Não pensamos que se não repete em nossos dias o conteúdo da parábola. Invocam-se razões, julgam muitos estarem de posse de toda a razão, super-homens de projectos e decisões!

Quem se exalta, será humilhado! A pretexto de tudo e de nada, lançam-se e espalham-se ondas de cizânia e de mal. E situamo-nos em troncos de pretensa justiça e verdade.

Mas, no Evangelho, ao que, de noite, veio lançar a má semente, Jesus chama-lhe inimicus homo — homem inimigo.

É frequente o farisaísmo!

São fariseus os que, zelosos da glória de Deus, não perdoam o mínimo defeito dos homens.

São fariseus os que se julgam e proclamam raça, ou casta eleita, em

quem reside a plenitude da orientação e do saber, olhando com desprezo para os outros, para os humildes, para os menos favorecidos. No tempo de Jesus, os fariseus vociferavam porque Jesus se sentava à mesa dos pobres e humildes, ouvindo a sua voz, enxugando as suas lágrimas. Eles passavam à margem, afastando-se, não fosse a voz dos humildes ferir os seus ouvidos.

Farisaísmo! Anda tanto por aí na crítica, na ostentação, na vaidade, no orgulho.

Farisaísmo! Anda tanto por aí nas razões sem razão a que se agarram em defesa, os que não têm razão, atacando a Igreja, atacando orientações e decisões, transferindo para si a autoridade que negam na Igreja e nos outros. Este um dos grandes males de hoje: transferir para si a autoridade que se nega na Igreja e nos superiores de direito.

Farisaísmo é toda essa falta de verticalidade, lealdade, sinceridade, que, por fenómeno bem conhecido, se alardeia com tais nomes, não passando objectivamente de fraqueza, capricho, ostentação, vaidade ou hipocrisia.

Nosso Senhor aos fariseus hipócritas chamou-lhes sepulcros caiados: por fora alvura, por dentro podridão. Não basta rotular-se alguém de leal, nem basta parecê-lo, é preciso sê-lo, pois a linguagem cristã não se compadecer com equívocos ou mentiras. O cristão não pode viver de aparências. A caridade, a humildade e a verdade são marcas essenciais do verdadeiro cristão e de uma vida autêntica.

O católico é o homem da verdade. Acredita na Revelação — Palavra de Deus que se não engana nem pode enganar. Tem, pois, uma luz segura a iluminar a sua existência. Tem a Igreja a esclarecê-lo e o Magistério da mesma a orientá-lo. Podemos dizer, por isso, que o católico é o homem das grandes certezas.

Torna-se, porém, necessário que na sua vida o católico se faça verdade.

Para isso é necessário que, abraçando a verdade, se conforme com Ela.

A Verdade é Cristo — Ego Veritas. Só aceitando plenamente Cristo, o cristão se torna verdade para si e para o mundo. Digo «só aceitando plenamente», não basta aceitar Cristo de qualquer modo. Aliás, aceitar Cristo de qualquer modo corresponde a não aceitá-Lo, a negá-Lo. É preciso aceitá-Lo todo — em toda a Sua verdade: no Seu Evangelho e na Sua Igreja.

Depois, é necessário viver totalmente Cristo. S. Paulo disse: Eu vivo, mas já não vivo; é Cristo que vive em mim.

É bem acentuar que o verdadeiro cristão, seguindo sempre a Cristo,

Alunos do Seminário de Leiria, dirigidos pelo maestro dr. Carlos Silva, entoaram os cânticos religiosos.



tem de ser cristão de todo o Evangelho, de todos os mandamentos, de todas as virtudes, de todos os dias, de todas as ocasiões.

Deve dar à sua vida o sentido das alturas.

Apraz-me referir, neste momento, o que S. Paulo escreve aos Colossenses: «Portanto, se ressuscitastes com Cristo buscai as coisas que são lá de cima, onde Cristo está sentado à dextra de Deus; afeiçoai-vos às coisas que são lá de cima, não às que estão sobre a Terra. Porque (pelo baptismo) estais mortos (para as coisas terrenas) e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando aparecer Cristo, que é a vossa vida, então também vós aparecereis com Ele na Glória.

... Deixai agora tudo isto: a ira, a indignação, a malícia, a maledicência ...

... Despojai-vos do homem velho com todas as suas obras, revestindo-vos do novo, daquele que se renova para o conhecimento (mais perfeito de Deus) segundo a imagem daquele que o criou, onde não há diferença de Gentio e Judeu, de circuncidado e incircuncidado, de Bárbaro e Scita, de servo e livre, mas Cristo é tudo em todos ...

Revesti-vos de entranhas de misericórdia, de benignidade, de humildade, de modestia, de paciência ...

## O CRISTIANISMO É PARA HOMENS FORTES

### 2.ª MEDITAÇÃO

Há dias o Santo Padre afirmou: «Hoje, há quem tente tornar o Cristianismo fácil, sem risco, sem sacrifício, sem cruz, talhando-o à medida das nossas comodidades e das nossas fraquezas de pensamento e de costumes. Muito pelo contrário, contudo, o Cristianismo é feito para os homens fortes. O sacrifício dos mártires não só de ontem, mas também

Mas sobretudo tende caridade que é o vínculo da perfeição e triunfe em vossos corações a paz de Cristo ...

Tudo o que fizerdes, em palavras ou por obras, fazei tudo em nome do Senhor Jesus Cristo, dando por Ele graças a Deus Pai» (Col. III).

O cristão tem de ser um homem de caridade. Não pode passar à frente, vendo a seu lado a miséria, a doença, a necessidade, lágrimas e dor. Como o Samaritano, ao ver o ferido, tem de abeirar-se dele, trabalhar e providenciar pela sua cura ... E tem de amar todos os homens. Amar a Deus sobre todas as coisas — este é o grande mandamento; amar o próximo como a si mesmo — é extensão necessária daquele mandamento.

Está dito na passagem de S. Paulo, há instantes citada, que a caridade é o vínculo da perfeição.

Ao contemplar o mundo de hoje, quase me pergunto se os homens compreendem a lei do amor!

E tem de ser humilde na sua actualização. Fala-se hoje muito em personalidade. E é necessário falar ainda mais. Mas a personalidade sem humildade é orgulho.

A humildade — que é a verdade — mostra e dá-nos as nossas verdadeiras dimensões e o lugar que ocupamos — ou devemos ocupar — em ideia de serviço na Cidade de Deus e na Cidade dos Homens.

a cruz. Sem cruz, portanto, não se pode seguir a Cristo, que é o mesmo que dizer não se pode encontrar Cristo!

Muitos cristãos desejam viver — vivem — embalados em berço de rendas.

Há por aí um cristianismo burguês, comodista, egoísta, negativo.

Abro um livro e leio: «Deformando o cristianismo, com medo das consequências de um Deus que entrou na história, os homens construíram muitas vezes uma religião abstracta, idealista, ao abrigo das preocupações da humanidade de hoje. Encontramo-nos diante de um culto de recordação. Celebramos aniversários de acontecimentos longínquos, piedosamente retirados do tempo e da história.»

Não! Não somos os fiéis atrasados de um passado que não interessa a mais ninguém mas, segundo as palavras do apóstolo Tiago, a palavra da Verdade cria-nos para que sejamos o começo, o prelúdio, os pioneiros de um mundo novo. Trata-se de sermos todos os dias criados, renovados pela palavra de Deus (Tiago I, 18).

«Aquele que afirma crer em Cristo vencedor da morte e não luta, desta ou daquela maneira, contra as formas de morte, esse é um mentiroso» (Jean Cordonel — O Evangelho e o Mundo Novo, 135-136).

O cristianismo é uma religião de almas nobres e generosas.

Parece que hoje, mais do que nunca, é preciso apelar para esta verdade. Habituar-se os homens ao comodismo, não suportam que se fale em sacrifício; endeusaram a liberdade; não querem ouvir falar de obediência; combatem o triunfalismo, mas firmam-se em trono que proclamam intangível!

Volto a dizer — o cristão para seguir Cristo tem de tomar a sua cruz.

O Senhor deu-nos o exemplo de amor, na dedicação, mas também no sofrimento: exemplum enim dedi vobis ... O Cristo que seguimos é o Cristo glorioso, mas, antes da Ressurreição e Ascensão, Cristo Jesus sofreu e morreu!

A liberdade é o grande título de

grandeza do homem. Mas a actuação livre deve respeitar os direitos de Deus e dos homens, as exigências da verdade, da justiça e da caridade.

Liberdade não é libertinagem ou capricho. Tem-se repetido diversas vezes que liberdade é a possibilidade de optar, com o compromisso subsequente; gostaria de salientar que no cristão, no homem consciente, liberdade é a faculdade de servir, não a veleidade de servir-se.

Como Cristo Jesus — o Senhor — veio não para servir-se mas para servir — sicut Filius Hominis venit ministrare, non ministrari!

O homem conscientemente livre é necessariamente humilde.

Tem-se dito que o maior heroísmo está na vitória de si mesmo. E está. Evidentemente que não identifico vitória de si mesmo com capitulação e demissão. No católico a vitória de si mesmo está na admissão e sujeição amorosa, vital a Jesus Cristo, ao Seu Evangelho, à Sua Mensagem de Salvação. Admissão do Evangelho para a vida: mas admissão plena e do Evangelho total. Isto supõe coragem e heroísmo!

Mas, como diz o Santo Padre, o cristianismo é feito para os homens fortes.

Dizemos que somos Igreja — e muitos repudiam praticamente a Igreja para viverem em espírito de igreja ou capelinha. A sua verdade não é verdade da Igreja.

Cristo Jesus disse um dia: Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida.

Dizemos que Cristo é Caminho. Muitos, porém, repudiam Cristo como Caminho; preferem seguir veredas marginais que afastam do Evangelho.

Dizemos que Cristo é a Verdade. Mas na boca de muitos, o Evangelho levanta-se ou aponta-se como farol, quando convém, calca-se, porém, quando vai de encontro a comodidades e caprichos. Como a Cristo, também à sua mensagem, boa-nova, Evangelho, se gritam hosanas e crucifiges.

Proclama-se que Cristo é a vida — vida n'Ele e nos cristãos. Mas poderão afirmar que Cristo é para eles vida, os cristãos que praticamente vivem alheios à vida dos sacramentos, à prática religiosa consciente, ao cumprimento dos seus deveres cristãos, à orientação da Igreja, às exigências do Evangelho? Os cristãos que esquecem os seus deveres relativamente aos irmãos?

Não!

Precisamos de um cristianismo vivo e vitalizador em que Cristo Jesus seja verdade, caminho e vida. Precisamos de cristãos corajosos e decididos; de cristãos responsáveis e responsabiliza-

dos; de cristãos que conheçam a sua missão e realizem a sua missão. Cristãos que aliem à virtude da prudência as virtudes da fortaleza e da coragem — cristãos que sejam verdadeiramente testemunho, e dêem à sua vida o sentido dinâmico de serviço de Deus e de serviço do Povo de Deus, sempre, nas horas alegres, como nas horas difíceis.

Lembro, mais uma vez, a palavra do Santo Padre: O Cristianismo é feito para os homens fortes!

Anda bastante esquecida a verdade de que o católico em vez de pronunciar eu deve pensar e pronunciar constantemente nós. Não basta dizer abstractamente que todos somos irmãos, que todos fomos criados por Deus, remidos por Cristo Salvador, e com Cristo Jesus formamos o «Corpo Místico de Cristo».

Esta doutrina é para se viver quotidianamente.

E porque na prática tal verdade anda muito esquecida, é que esquecemos de que a felicidade que queremos para nós a devemos procurar igualmente para os outros.

Vivemos no nosso egoísmo fechado e traiçoeiro; podemos viver tranquilos e sossegados, quando sabemos que há mesas sem pão, pessoas que morrem à fome, ou vão definhando, dia a dia, por falta de alimento? E que há pessoas que caem sob o fio da espada ou morrem na luta e na guerra? E que há pessoas que sofrem por amor da justiça?

Há contrastes que escandalizam!

Abro a Constituição Pastoral «Gaudium et Spes» e leio: «Enquanto multidões imensas carecem do estritamente necessário, alguns, mesmo em regiões menos desenvolvidas, vivem na opulência ou dissipam perdulárimamente» (n.º 63 pág. 212). E ainda: «excessivas desigualdades económicas e sociais, que se dão entre os membros ou os povos da única família humana, causam escândalo e são contrárias à justiça social, à equidade, à dignidade da pessoa humana e à paz social e internacional» (n.º 19 pág. 174).

Grita-se por vezes contra ninharias, quando frequentemente se deixam na sombra grandes escândalos e injustiças! Ou, o que é pior, quando escândalos se reclamam com pormenores que ofendem!

Há requintes de prazer em cabaretes, gastam-se fortunas em festas e divertimentos, quando irmãos nossos sofrem e morrem à fome, ou morrem dolorosamente na guerra.

É preciso denunciar o mal! Move-nos a caridade diligite homines, interficite errores! «Amái os homens

que erram; denunciái e atacai o mal e o erro», diz Santo Agostinho.

Nós, que nos dizemos católicos, envolvemo-nos, tantas vezes, num mundo de compromissos, de veleidades, de caprichos... Nem todos podemos viver de um modo igual, mas todos devemos viver como irmãos.

Depois, há muitos que dizem que se deve trabalhar e agir; e indicam métodos de trabalho. Mas é mais fácil dizer que se trabalhe do que trabalhar. Fala-se, por vezes, em inflação de dinheiro. Em certos meios e em muitas ocasiões, dever-se-ia falar em inflação de sinais e de palavras. Precisamos de um cristianismo válido, autêntico que espelhe o verdadeiro rosto de Cristo Jesus.

O Evangelho não morreu.

O sobrenatural é uma realidade.

Precisamos de cristãos fortes que estejam à altura das exigências da sua fé e actuem de harmonia com essas exigências.

Aquela palavra do mestre vos estis sal terrae; vos estis lux mundi — vós sois a luz do mundo e o sal da terra — é dita a todos os cristãos. O Concílio Vaticano II, no decreto sobre o Apostolado dos Leigos, exorta os cristãos a serem — e hoje mais que nunca! — a luz e o sal de que fala o Senhor — pela oração, pela palavra e pela acção. São palavras do Concílio. «... O Apostolado dos Leigos, que flui da própria vocação cristã, nunca pode faltar na Igreja. A mesma Sagrada Escritura mostra bem como era espontânea e frutuosa a sua acção nas origens da Igreja. Os nossos tempos, porém, não exigem menos zelo dos leigos; antes, pelo contrário, as condições actuais requerem da parte deles um apostolado mais vasto e intenso. De facto, o aumento sempre crescente da população, o progresso das ciências e da técnica, as relações mais estreitas entre os homens não só alargaram imenso o campo de apostolado dos leigos, em grande parte acessível só a eles, mas também suscitaram novos problemas que exigem o seu cuidado e o seu esforço diligentes» (n.º 1). E diz ainda o mesmo Concílio:

«O próprio testemunho de vida cristã e as boas obras realizadas com espírito sobrenatural têm eficácia para atrair os homens à fé e para Deus, pois o Senhor diz: «Assim brilhe a vossa luz diante dos homens para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos Céus» (Mt. 5, 16). Todavia, este apostolado não consiste só no testemunho da vida; o verdadeiro apóstolo procura ocasiões para anunciar Cristo com a

palavra, quer aos não crentes para os trazer à fé, quer aos fiéis para os instruir, confirmar e estimular a uma vida mais fervorosa: — O amor de Cristo impele-nos —, e devem encontrar eco no coração de todos estas palavras do Apóstolo: «Ai de mim, se não evangelizar» (n.º 6).

O saudoso Bispo da Beira, Dom Sebastião Resende, na última pastoral que escreveu, já doente da enfermidade que o chamou para Deus e a que deu o título *A alma do Concílio*, enunciou os deveres fundamentais do cristão à luz do Concílio. Afirma «o leigo de hoje não pode ser o leigo de ontem e para o não ser nas suas atitudes no meio do mundo há-de preparar em si um novo ser, a fim de aplicar com êxito uma nova técnica». Aponta o saudoso Prelado os principais requisitos ou virtudes de que se há-de revestir os leigos para conveniente desempenho das tarefas que lhe dizem respeito neste pós-conciliar, a saber:

ter consciência de ser povo de Deus;  
ser Igreja — fermento;  
ser consagrador do Mundo;  
agir comunitariamente.

A propósito do requisito necessário ao leigo pós-conciliar ser Igreja-fermento, diz:

... «Segundo o Concílio, a Igreja tem por fim o Reino de Deus, começado já na Terra pelo próprio Deus e que deve ser continuamente desenvolvido até ser também por Ele consumado no fim dos tempos, quando aparecer Cristo, na nossa vida».

Ora, cada membro do Povo de Deus, mesmo leigo, porque investido pelo Senhor no Sacrifício Comum, há-de ser edificador constante desse mesmo povo, no sentido de concorrer

para alargar a todos os homens as riquezas infinitas com que Cristo dotou o seu Reino para todos tornar participantes delas. Há, todavia, um condicionalismo essencial à vida interna do Povo de Deus, sem o qual essa mesma vida não existe em plenitude, nem a sua dinâmica se exerce em todas as dimensões. Um tal condicionalismo provém do facto de «este povo messiânico ter por cabeça Cristo, o qual foi entregue por causa das nossas faltas e ressuscitou para a nossa justificação e reina agora glorioso nos céus depois de alcançar um nome que sobreleva a todo o nome».

Quer dizer: «O leigo só poderá ser, em pleno sentido, Igreja-fermento, se viver em estado de graça». Antes de agir como apóstolo, o leigo tem necessidade de ser apóstolo; antes de se introduzir na linha do agir de Cristo, há-de inserir-se na linha do ser de Cristo.

Cristo há-de irradiar para o mundo, partindo do interior do leigo, do fundo de sua própria vida, e nunca vindo de fora, nem apresentado como surgindo do exterior.

Só assim o cristão poderá ser *sal da terra e luz do mundo!*

Infelizmente muitos esquecem esta obrigação. Mas o mundo precisa de cristãos fortes que estejam à altura das exigências da sua fé, nesta época em que vivemos.

É uma acusação a seguinte passagem da *Gaudium et Spes* do mesmo Concílio, responsabilizando, em parte, os cristãos pelo ateísmo: «Na génese do ateísmo, os próprios crentes podem ter uma parte não pequena, na medida em que, pela negligência na cultura da sua fé, pela exposição defeituosa da doutrina e também por faltas na sua

vida religiosa, moral e social, se pode dizer deles que ocultam, em vez de revelarem, o rosto autêntico de Deus e da religião» (n.º 19 pág. 164).

Isto mostra a nossa responsabilidade: se não formos luz salvadora seremos escuridão e sombra!

Acrescente-se ainda que, e talvez hoje mais que nunca, por espírito ou complexo de defesa, não falta quem atribua a responsabilidade das suas acções, atitudes ou opções a outros ou a instituições que mal podem defender-se.

Dão escândalo ... Semeiam dúvidas e incertezas ...

É elementar dever assumir a responsabilidade das acções e atitudes próprias. A ninguém assiste o direito de roubar a tranquilidade às pessoas e de ferir injustamente instituições.

\* \* \*

Diante do Santíssimo Sacramento nesta hora de adoração procurei expor algumas linhas do que poderíamos chamar fidelidade cristã, e de apontar, simultaneamente, alguns contra-sinais desta fidelidade.

Sejamos cristãos autênticos! Mostremos na nossa vida, nas nossas atitudes e acções, que verdadeiramente o somos. Afastemos da nossa vida tudo o que vai de encontro à seriedade, fidelidade e dignidade cristãs.

Sejamos, neste mundo, que confia e espera em nós, uma sementeira de luz!

Façamos estes propósitos, seriamente, diante de Jesus Sacramentado, e neste Santuário de Fátima, peçamos a Nossa Senhora que nos ajude a cumprir esses mesmos propósitos.



Prelados e individualidades que estiveram presentes na peregrinação de Outubro.

Agentes da P. V. T. conduzem a Imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Realizou-se, ao final, a procissão eucarística em que se encorporaram todos os peregrinos, empunhando velas acesas e cantando fervorosamente. Após esta hora santa nacional e a procissão eucarística, os Padres Passionistas dirigiram uma outra hora de adoração especial para os membros da Congregação e amigos e benfeitores da mesma. Durante toda a noite manteve-se exposto o Santíssimo Sacramento à adoração dos fiéis, num altar lateral da arcada da Basílica.

## DIA 13

Os actos religiosos do dia 13 principiaram, concretamente, pela missa de comunhão geral, celebrada por D. Félix Niza Ribeiro, Bispo de Tete (Moçambique), eram seis horas. Foram distribuídas perto de 20 000 comunhões.

As oito horas, no altar exterior da Basílica, foi concelebrada missa por 14 sacerdotes da Congregação dos Passionistas, presididos pelo padre Bento Parola.

Junto à Capelinha das Aparições, a meio da manhã, foi rezado o terço. Alunos do Seminário de Leiria, dirigidos pelo maestro dr.

A procissão dirige-se para o altar na escadaria da Basílica.



Benção dos doentes, vindo-se, em primeiro plano, alguns dos doentes norte-americanos.



Carlos Silva e acompanhados ao órgão pelo organista oficial do Santuário, dr. António de Oliveira Gregório, entoaram os cânticos sagrados. Após a recitação do terço organizou-se a procissão para conduzir a imagem de Nossa Senhora de Fátima para o trono habitual, ao lado do altar exterior no topo da escadaria. Transportaram o andor agentes devotos da P. V. T., em serviço de organização do trânsito nas imediações do Santuário. Incorporaram-se na procissão os senhores bispos de Tete, Coimbra, Coadjuutor de Lamego e Auxiliar de Leiria que tomou a presidência.

Adeus impressionante entre lençóis e bandeiras dos diversos países presentes.

A missa do dia foi celebrada por D. Domingos de Pinho Brandão que também pregou a homilia, cujo texto publicamos com o devido relevo noutra lugar deste

número. Ao lado do altar, em lugares especiais, além dos preladados, assistiram Mons. Mowat, Director da **Domus Pacis** de Fátima, o embaixador da Espanha, D. Ibañez Martin e esposa, governadores civis de Leiria e Santarém, comandante da Real Academia Militar de Espanha, D. Duarte Nuno e outros distintos peregrinos estrangeiros. Cerca de 250 doentes, entre os quais vinte de nacionalidade norte-americana deslocados propositadamente a Fátima, aguardavam, sobre a arcada do lado esquerdo, a hora de serem abençoados com o Santíssimo Sacramento.

Após a bênção dos doentes e de todo o povo, realizou-se a Procissão do Adeus para conclusão das cerimónias. A imagem de Nossa Senhora foi reconduzida à Capelinha das Aparições e de

novo a transportaram agentes da P. V. T. e soldados do Campo de Manobras de Santa Margarida.

Todas as cerimónias, tanto as da noite de 12 como do dia 13, foram transmitidas por Rádio Renascença, Emissora Nacional e R. T. P. cujos serviços, segundo nos consta, foram impecáveis.

Ao serviço dos doentes peregrinos, estiveram, no Hospital de Nossa Senhora das Dores, 15 médicos servitas e mais 14 homens servitas, bem como 65 senhoras servitas, das quais nove enfermeiras.

Prestaram ainda serviço de organização das confissões, lava-pés, informações, etc., cerca de 200 membros da Pia União dos Servitas de Nossa Senhora de Fátima, coadjuvados por rapazes escuteiros de vários núcleos do País.



# A PAZ

DE QUE FALOU

# NOSSA SENHORA

HOMILIA

DO BISPO AUXILIAR DE LEIRIA

Durante a Hora Santa, procurei expor algumas linhas do que poderíamos chamar verdade, fidelidade e heroísmo da vida cristã e expor alguns contra-sinais destas virtudes.

Nesta homilia em honra de Nossa Senhora, que é a Rainha da Paz — **Regina Pacis** —, na mesma ordem de ideias, falei da **Paz**, ou de alguns aspectos da **Paz**, que o título **Rainha da Paz** sugere.

Na Mensagem de Fátima aparece, repetidas vezes, a palavra «Paz».

Ao falarmos de **Paz**, muitos são os aspectos sob que a podemos considerar. Assim, repetem-se as expressões paz nas consciências, paz nos indivíduos, nas famílias, na Igreja, nas Nações, no Mundo.

Define-se em geral **paz** como tranquilidade na ordem. Ordem é a recta, harmónica e justa distribuição ou relação das coisas tendo em consideração a natureza e finalidade das mesmas.

A paz da consciência supõe a justa e verdadeira ordem do homem para com Deus, para com o próximo e para consigo. Resulta do cumprimento dos respectivos deveres. No católico a paz de consciência é de algum modo angustiante, quero dizer não pode ser uma paz adormecida. É uma paz actuante, dinâmica, sempre na procura e realização de **mais e melhor**. O católico autêntico é insatisfeito. Jesus Cristo disse «sede perfeitos como Nosso Pai Celestial é perfeito». O ideal da perfeição põe-se no infinito, que nunca atingiremos; isto a dizer que no caminho da perfeição nunca devemos parar.

Em verdade, não pode haver **paz** de consciência se o homem não cumpre os seus deveres. É possível encontrar indivíduos que não se preocupam com os seus deveres, não tendo ou não sentindo remorsos. Essa situação não pode chamar-se **paz**. Porque a paz é vida; e tais indivíduos, de consciência adormecida, vivem, de preferência, na morte.

A paz de consciência não é fácil de conseguir-se — quero dizer: supõe esforço e luta.

Lembro, a propósito, as palavras do Concílio Vaticano II:

«É, pois, em si mesmo, que o homem está dividido. Por isso, toda a vida dos homens, quer individual



D. Domingos de Pinho Brandão durante a sua notável homilia à missa da peregrinação de 13 de Outubro.

quer colectiva, se apresenta como uma luta verdadeiramente dramática entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas. Mais ainda, o homem encontra-se incapaz de, por si mesmo, vencer eficazmente as investidas do mal, de tal maneira que cada um se sente como que acorrentado. Mas o próprio Senhor veio para restaurar o homem na sua liberdade e na sua energia, renovando-o interiormente e expulsando «o príncipe deste mundo (Jo. 12. 31) que o retinha na servidão do pecado» (Gaudium et Spes, 13 (159-160).

A Mensagem de Fátima é um apelo à paz da consciência individual, da paz como resultante do cumprimento do dever, do desejo de perfeição, e da subida na mesma perfeição.

As duas grandes coordenadas da Mensagem de Nossa Senhora, nesta Cova da Iria, são a **penitência e oração**. A penitência é, antes dos sacrifícios exteriores e interiores, a emenda de vida, a adesão a Deus, o cumprimento do dever. Ainda e consequentemente a nossa renovação interior. A oração que se pede é, antes que a oração dos lábios (também necessária!), a oração da nossa vida, isto é, a oração feita com as nossas obras, realizadas segundo a vontade de Deus e segundo os ditames da nossa consciência, rectamente formada.

Vemos pois que, neste sentido, na Mensagem de

Fátima, concorrem numa mesma ideia penitência e oração. Para além disso, Nossa Senhora recomenda **sacrifícios e orações**. Os videntes, os três pastinhos, compreenderam bem a Mensagem de Nossa Senhora e **viveram-na**, isto é, realizaram-na na sua vida. Em verdade, a sua grande preocupação era o cumprimento da vontade do Senhor, a realização das suas obrigações, a adesão ou união a Deus Nosso Senhor, a prática de sacrifícios exteriores, a aceitação dos sacrifícios enviados, a vida de oração frequente, a subida na perfeição.

E sentiam dentro de si uma paz imensa de consciência, mesmo nos terríveis momentos de provação a que estiveram sujeitos. Que a paz de consciência é compatível com as lágrimas e com a dor! Neles, à paz de consciência juntou-se, vivo, o sentido da angústia salvadora: pelo seu aperfeiçoamento e pela salvação dos outros. E tanto rezavam pela conversão dos pecadores!

A paz de consciência não a poderemos conseguir, se não imitarmos os videntes de Fátima: no cumprimento do dever e na emenda de vida, na adesão à vontade de Deus, no afastamento do pecado, na renovação espiritual, na preocupação do nosso aperfeiçoamento.

É necessário darmos à nossa vida um sentido de **caminhada**, isto é, de peregrinação, rumo à Pátria Celeste. A nossa presença em Fátima é um momento na nossa peregrinação. Somos Igreja peregrina ou peregrinante. Aqui recobramos energias, com a protecção da Virgem Santíssima, para continuar subindo. Seja a vida de todos nós uma caminhada de avanço: na perfeição individual, no amor a Deus e à Igreja, no amor apostólico aos irmãos em ordem ao termo final.

Aqui, neste Santuário, com a protecção e auxílio de Maria, bebemos novo alento para o futuro, para nova arrancada mais pura, mais decisiva. Que para isto viemos a Fátima, ao Santuário de Maria Mãe de Deus e nossa Mãe espiritual. E Nossa Senhora, que nos deu Cristo, há-de dar-nos a Cristo, nesta vida e para a Eternidade!

Gostaria de lembrar, de novo, que paz de consciência não significa adormecimento de consciência. Pelo contrário!

No católico consciente, a verdadeira paz de consciência há-de juntar-se à preocupação e esforço constante do aperfeiçoamento individual e à preocupação — igualmente constante e permanente da salvação dos irmãos e à preocupação da reforma das estruturas.

Um cristão consciente — muito mais um sacerdote — não é um homem de braços cruzados, de cristianismo burguês, em instalado na vida, pensando em si, adormecendo num mundo de ideias feitas, cómodas e favoráveis.

Tem de reformar a sua consciência adaptando-a às exigências do Evangelho, da Verdade, da Justiça e da Caridade, e tem de pensar nos outros.

Tão pouco pode ser um egoísta, um comodista, ou de espírito farisaico.

E permito-me que, por vezes, certas manifestações de zelo ou de coragem não passem de farisaísmo, de egoísmo, de vazio, de fraqueza, de orgulho.

«Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração!» Tem de pensar nos outros — tem de pensar num **mundo** melhor — mais justo e mais santo. Pensar e agir!

Passando agora a outros aspectos, dói-me a alma ao falar de Paz!

Tantas lutas, tanto sangue, tanto sofrimento, tantas lágrimas, tantas revoltas, tantas dissensões, tanto ódio, tanta devastação, tanta guerra!

Terrível inflação deste nome **Paz!** Tanto se emprega, tão pouco se vê a Paz! **Pax, Pax et non erat Pax!** Onde o amor? Onde o **ut sint unum?** Onde o «amai-vos uns aos outros?» Glória a Deus nas alturas e na terra Paz aos homens...

O Santo Padre veio a Fátima pedir a Paz para a Igreja e para o Mundo. A Paz **interna** e **externa** da Igreja e a Paz para o Mundo.

Verdadeiramente notável a homilia aqui pronunciada no dia 13 de Maio de 1967: grito angustiante de Pai comum que sofre com as dissensões, lutas e guerras que assolam o Mundo e súplica ardente para os homens.

«Vós sabeis — diz o Santo Padre — quais são as nossas intenções especiais que desejamos caracterizem esta nossa peregrinação...» «A primeira intenção é a Igreja una, santa, católica e apostólica». «Queremos pedir a Maria uma Igreja viva, uma Igreja verdadeira, uma Igreja unida, uma Igreja santa». «Rezamos — continua o Santo Padre — pelos nossos irmãos crentes... (dos «Países em que a liberdade religiosa está praticamente suprimida e onde se promove a negação de Deus, como se esta representasse a verdade dos tempos novos e a libertação dos povos»), **rezamos** pelos nossos irmãos crentes dessas nações a fim de que a íntima força de Deus os sustente e a verdadeira liberdade civil lhes seja concedida.»

Mas a homilia atinge proporções dramáticas quando se dirige aos homens de todo o Mundo, suplicando-lhes que trabalhem pela Paz:

«Homens, procurai serdes dignos do dom divino da Paz... Homens, sede bons, sede cordatos, abri-vos à consideração do bem total do mundo... Homens, não penseis em projectos de destruição e de morte, de revolução e de violência; pensai em projectos de conforto comum e de colaboração solidária.»

Em Fátima, Nossa Senhora prometeu a Paz, mas fez depender a promessa destas condições: «se fizerem o que eu vos disser» e «se atenderdes aos meus pedidos».

Nestas duas condições, para além de outras exigências, está incluída a recomendação insistente de **penitência e oração** feita por Nossa Senhora.

A paz das consciências não pode conseguir-se sem a penitência e oração, no sentido da Mensagem de Fátima.

Igualmente a Paz da Igreja e a Paz do Mundo. Não vivemos em Paz!

Mas nós somos obreiros da Paz; — somos ou devemos sê-lo.

Neste mês de Outubro, dedicado a Nossa Senhora do Rosário — neste dia 13 — unamos as nossas intenções pela causa da Paz!

Realizemos a Paz no domínio da nossa consciência! Procuremos espalhar à nossa volta um ambiente de verdade, de justiça e de caridade, que é ambiente de Paz — e pensemos na paz do Mundo, realidade que não pode ser estranha às nossas preocupações cristãs e peçamos à Virgem Santíssima — a Rainha Augusta da Paz — que nos consiga a paz das almas e das armas, — que faça descer sobre o Mundo a bênção da Paz, a fim de que todos os homens se possam abraçar fraternalmente como irmãos.

# PARA A HISTÓRIA DA URBANIZAÇÃO DA COVA DA IRIA

Francisco Pereira de Oliveira

IV

## O Antepiano do Arquitecto Luis Xavier

Em Agosto de 1957 o architecto Luis Xavier, ao serviço da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, apresentou o seu antepiano de urbanização.

O processo consta de:

- memória descritiva e justificativa;
- regulamento;
- planta da região na escala de 1:25.000;
- plantas: do estado actual e utilização dos edifícios, localização dos edifícios de carácter religioso, de apresentação, zoneamento, planta de trabalho e tipos de perfis transversais.

Na memória descritiva diz o autor do projecto que «o antepiano de urbanização de Fátima é o desenvolvimento do esboçeto anteriormente apresentado e que foi objecto do parecer n.º 2708 do Conselho Superior de Obras Públicas».

O presente estudo, diz ainda o autor, «teve como base vários trabalhos anteriormente elaborados e cujas disposições, em parte, têm sido executadas, o que lhe dá portanto uma feição muito condicionada». É que Fátima sofreu os efeitos da falta de um plano, construindo-se primeiro e depois é que se procurou a adaptação dessas construções a um plano, com as inevitáveis consequências de demolição, de adaptação de casas e de arruamentos. Quando o architecto Luis Xavier elaborou o seu plano encontrou essas dificuldades, deparando já com alguns seminários, conventos, pensões e casas particulares que procurou enquadrar dentro da concepção de um plano de urbanização.

Este plano referia-se à urbanização da povoação da Cova da Iria, nela estando enquadrado, como era natural, o recinto das aparições de Nossa Senhora, mas sem a preocupação da parte de construções que a este diziam respeito, uma vez que o local havia já sofrido as transformações que modificaram por completo o solo existente à data das aparições, e o converteram na actual praça que vai desde a Basílica até à Estrada Nacional 356.

Uma das consequências desta transformação do recinto e o seu prolongamento no sentido de noroeste levaram o urbanista a considerar duas povoações, a Cova da Iria com o aglomerado da Moita a norte, e a parte sul da povoação e o lugar da Lomba d'Égua, do outro lado do recinto, já que este aparece no plano dividindo a Cova da Iria.

Este lugar, nascido em 1917 com o facto religioso então verificado, sómente aparece como povoação

a partir de 1922 quando, apesar da aventura de construir com a promessa de demolição logo que a Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém o impusesse, um cunhado de Lúcia, José Pereira, conhecido por José da Lomba, se instalou com sua família na primeira casa construída de pedra e cal. Em 1926 havia 3 casas e em 1933 a Cova da Iria era já uma pequena povoação composta de 23 casas que se alinhavam ao longo da estrada distrital que seguia de Vila Nova de Ourém para o Reguengo do Fetal, e que mais tarde, com a passagem das estradas distritais para a Junta Autónoma de Estradas, passou a ser designada por Estrada Nacional N.º 356. A restante povoação era formada por dezenas de barracas de madeira e zinco, alinhadas à beira dessa estrada e, a maior parte, colocadas à entrada do recinto formado por uma série de arcos de pedra, e que se destinavam sobretudo ao comércio: venda de artigos religiosos, de pão, refrescos, e algumas a simples abrigo de animais.

Entre 1933 e 1938 houve uma tentativa de urbanização de carácter particular. Por influência de um antigo vereador da Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém, António Vieira Verdasca, foram feitos vários alinhamentos de arruamentos a sul da povoação, aproveitando terrenos baldios, arruamentos que foram esboçados e que levaram à construção de diversas vivendas que ainda hoje ali se encontram. Dizemos de carácter particular, porque não conseguimos averiguar de qualquer deliberação camarária neste sentido. Apenas encontramos um edital publicado pela Câmara Municipal de Vila Nova de Ourém, em 1934, considerando Fátima (aliás a Cova da Iria) como «zona urbanizada para efeitos de construção e reconstrução de prédios urbanos, para habitação e outros fins».

As iniciativas particulares tiveram, no entanto, influência nos meios camarários, porque, apesar de não existir qualquer plano, a Câmara Municipal passou licenças de construção a partir de 1926, não contando já com o deferimento e indeferimento de centenas de requerimentos solicitando licença para construção de barracas de madeira adaptadas aos mais variados fins.

## O valor material da Cova da Iria em 1945

Apesar das limitações de construção, à medida que o movimento religioso de Fátima crescia, aumentava também por parte de muitos naturais de Fátima e de outros tantos devotos o desejo de se fixar à volta do local das aparições, e o facto é tão considerável que o próprio Conselho Superior de Obras Públicas, quando tem que apreciar os esboçetos do Plano que vem acompanhados de estudos, mapas e relatórios, declara que «embora muito dificultada a ocupação não deixou de se fazer, e hoje apresenta-se ao Conselho um «esboçeto» de Urbanização — não já da Cova da Iria no seu natural, mas de uma vila cercando por três lados um limitado recinto que se diz do Santuário».

Dos mapas elaborados pelo Ministério das Obras Públicas consta um com os nomes dos proprietários de prédios e o seu valor atribuído para efeitos de expropriação. Eram os seguintes os proprietários e os valores das suas casas:

N.º da Planta de expropriação	Nome do Proprietário	Valor na matriz predial	Valor da avaliação
2	José dos Reis	\$	46 800\$00
10 B	Olimpio Duarte Alves	25 920\$00	25 650\$00
10 C	D. Maria Sors Lagrifa	\$	17 920\$00
10 D	P. Joaquim dos Santos Margalhau	\$	10 355\$00
11	Joaquim Júlio Pereira	10 800\$00	20 236\$00
12	Manuel das Neves Coelho	\$	55 000\$00
13	Santuário de Nossa Senhora de Fátima	\$	35 000\$00
14	António de Sousa Reis	9 000\$00	75 606\$00
15	Manuel de Oliveira Júnior	5 280\$00	16 645\$00
16	Francisco António Júnior	\$	17 656\$00
17	Maria Morais Sarmiento	\$	18 841\$00
18	José Pereira Luís	32 400\$00	38 336\$40
20	Francisco Inácio Vieira	14 400\$00	35 640\$00
21	D. Teresa de Jesus	27 000\$00	20 748\$50
21 A	Teresa de Jesus	\$	7 728\$00
23	Joaquim Pereira Catarino	99 000\$00	84 544\$00
24	Restaurante Montanha	21 600\$00	17 098\$00
25	Manuel Menira de Carvalho	\$	29 830\$00
26	António Alho	27 000\$00	27 497\$50
27	António Pereira Amaral	\$	10 828\$80
48	João Brites	\$	44 135\$00
49	Manuel António Pereira	\$	53 900\$00
50	Aureliano Henriques Vieira	\$	10 000\$00
51	José dos Santos Heleno	10 800\$00	90 000\$00
52	Joaquim Pedro Marto	\$	17 425\$60
54	Augusto Luís	\$	8 298\$00
57	José João das Neves	15 120\$00	9 700\$00
58	Manuel António Santos	\$	8 000\$00
Totais		298 320\$00	853 418\$80

Quer dizer, o valor das propriedades urbanas da Cova da Iria em 1945 era, pela matriz predial do concelho de Vila Nova de Ourém, de 298 320\$00 e o valor atribuído para efeitos de expropriação para o plano de urbanização era de 853,418\$80.

O projecto do arquitecto Xavier procurou atender aos seguintes aspectos considerados essenciais:

- instalação de peregrinos: embarque e desembarque de peregrinos que utilizam o caminho-de-ferro;
- estabelecimento e circulação de veículos;
- construções religiosas;
- zonas de habitação destinadas a população flutuante e fixa e ainda o seu apetrechamento;
- edifícios de interesse público.

A memória descritiva é acompanhada de 6 carto-

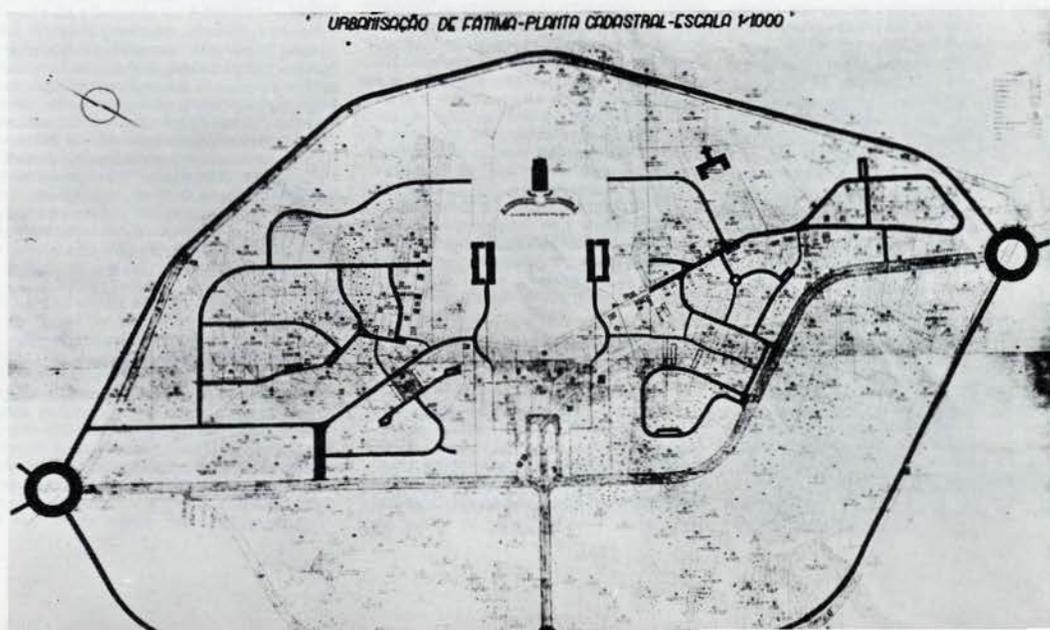
gramas com a localização dos aspectos enumerados.

Prevê para acampamento de peregrinos 307 000 metros quadrados, ou seja, espaço para 155 000 pessoas, e para parques de estacionamento 475 000 metros quadrados, o que permite o estacionamento de 16 000 veículos.

São consideradas 14 zonas de construção definidas com o seu regulamento.

O antepiano do arquitecto Luis Xavier teve o parecer individual n.º 40 do professor engenheiro Antão de Almeida Garrett, em 15 de Março de 1959, parecer que foi homologado com algumas observações pelo Ministro das Obras Públicas.

É este o plano actualmente em execução, mas, decorridos dez anos, verifica-se que ele contém algumas deficiências urbanísticas de que nos ocuparemos no próximo artigo.



## RESÚMENES

### AUTENTICIDAD DE LA VIDA CRISTIANA

Mons. Domingos de Pinho Brandão, Obispo Auxiliar de Leiria, fué el predicador en la peregrinación de octubre. Durante la hora de adoración pronunció dos pláticas, la primera sobre la real presencia de Jesús en la Eucaristía y de como la vida del cristiano debe de ser auténtica o conforme a su fe. Dijo que se notan en la actualidad muchas manifestaciones de fariseísmo entre los cristianos; pero así como Jesucristo condenó tal procedimiento entre los judíos, también lo condena hoy. El cristiano auténtico, dijo el orador, es «el cristiano de todo el Evangelio, de todos los mandamientos, de todas las virtudes, de todos los días, de todas las ocasiones.» Entre las virtudes señaladas hizo hincapié en la caridad y la humildad, siendo esta la verdad que nos da nuestra verdadera dimensión y nos señala el lugar que debemos ocupar al servicio de la Ciudad de Dios en la Ciudad de los Hombres.

### EL CRISTIANISMO EXIGE HEROISMO

En su segunda plática de la noche el predicador se refirió a los sacrificios que la vida cristiana exige. Citando palabras recientes del Papa, dijo que el cristianismo está hecho para hombres fuertes. Sería un error considerarlo sin riesgos, sin sacrificio, sin cruz, hecho a medida de nuestra comodidad o de nuestras debilidades de pensamiento. Continuó afirmando que el ejemplo de Cristo, en una entrega total por nuestro amor es el ejemplo que debemos seguir sea en la obediencia a la ley de Dios sea al servicio de nuestros hermanos. Responsabilizando los cristianos por razón del Evangelio que están obligados a cumplir, cita palabras de la Constitución de Vaticano II, «Gaudium et Spes»: «En la génesis del ateísmo los cristianos tienen una parte no pequeña, a medida que, por negligencia de la cultura de su fe, por la exposición defectuosa de la doctrina y también por faltas en su vida religiosa, moral y social, puede decirse de ellos que ocultan, en vez de revelaren, el rostro auténtico de Dios y de la religión».

### EN QUE CONSISTE LA PAZ

También durante la homilía a la misa del día 13 habló el señor Obispo Auxiliar de Leiria. A propósito de que en el mensaje de Fátima aparece muchas veces la palabra «Paz», hizo algunas consideraciones pertinentes. En primer lugar la «Paz» es la paz de conciencia

y esta supone la justa y verdadera orden del hombre para con Dios, para con el próximo y para consigo mismo. Es el resultante del cumplimiento de los deberes propios. En el católico la paz de conciencia es de algún modo angustiante, por que no puede ser una paz adormecida. Es una paz actuante, dinámica, siempre en busca de realizar más y mejor. El católico auténtico es un insatisfecho. Y no puede haber paz de conciencia si el hombre no cumple sus deberes. Tampoco es fácil de conseguir: supone esfuerzo y lucha.

Refiriéndose al Mensaje de Fátima, dijo: «Las dos grandes coordenadas del Mensaje de Fátima son la penitencia y la oración. La penitencia es, antes de todo más, antes de sacrificios interiores y exteriores, la enmienda de vida, la adhesión a Dios, el cumplimiento del deber. Aun, en consecuencia, nuestra renovación interior. La oración que se pide es, más que la oración de los labios (también necesaria) la oración de nuestra vida, o sea la oración hecha con las obras realizadas según la voluntad de Dios y según los ditámenes de nuestra conciencia rectamente formada.»

Mas la paz de conciencia no significa adormecimiento, antes lo contrario. «En el católico conciente a la paz de conciencia hay que juntar la preocupación y esfuerzo constante por la perfección individual y la preocupación — igualmente constante — y permanente por la salvación de los hermanos y la preocupación por la reforma de las estructuras. Un cristiano conciente — mucho más un sacerdote — no es un hombre de brazos cruzados, de cristianismo burgués, un instalado en la vida, pensando solamente en sí, adormecido en un mundo de ideas hechas, cómodas, favorables. Tiene que reformar su conciencia adaptándose a las exigencias del Evangelio, de la Verdad, de la Justicia y de la Caridad y tiene que pensar en los demás ...

Adelante, recordando la homilía de Pablo VI en Fátima, cita este paso: «Hombres, procurad ser dignos del don divino de la Paz ... Hombres, sed buenos, cordatos, abrid vuestra mente a la consideración del bien total del mundo ... Hombres, no penseis en proyectos de destrucción y de muerte, de revolución y de violencias; pensad en proyectos de conforto común y de colaboración solidaria.» Y concluyó resumiendo su pensamiento: «En Fátima la Virgen prometió la Paz, mas hizo depender la promesa de estas condiciones: «si hicieris lo que os digo» y «si atendeis mis pedidos.» En estas dos condiciones, para allá de otras exigencias, viene incluida la recomendación insistente de penitencia y de oración hecha por la Virgen. La paz de las conciencias no puede conseguirse sin la penitencia y la oración en el sentido del Mensaje de Fátima.

Igualmente la Paz de la Iglesia y del mundo. No vivemos en Paz. Pero nosotros, somos los obreros de la Paz. Lo somos o debemos de serlo.»

### LA 1.ª IMAGEN DE NUESTRA SEÑORA DE FÁTIMA

La primera representación iconográfica de Nuestra Señora aparecida en Fátima es una estampita que cierto devoto comerciante hizo imprimir para distribuir o vender a los muchos miles de peregrinos que vinieron a Cova da

Iria el mismo día 13 de octubre de 1917. Los lectores pueden ver la reproducción de esta primera estampa en este número de nuestra revista, página 2.

Mientras tanto se construyó la primera capilla en el local donde la Virgen se apareció sobre la encina, capilla cuya hornacina durante algún tiempo aguardó que alguien mandara hacer y allí colocara una imagen de Nuestra Señora ya conocida por Nuestra Señora de Fátima. Fué en el año 1920. Apareció este devoto en la persona de Gilberto Fernandes dos Santos que encargó a la Casa Fânzeres, de Braga, una imagen según la descripción que él, Gilberto, les enviara, después de haberla recogido en conversas con los videntes. La Casa Fânzeres a su vez encargó el trabajo a un escultor de São Mamede do Coronado, cerca de Oporto, que trabajaba para la misma, la ejecución de una maqueta sobre la descripción del señor Gilberto Fernandes dos Santos. El escultor encargado fué Don José Ferreira Thedim que de este modo quedaria para siempre ligado a la historia de Fátima. Este hizo primeramente una maqueta de barro, que después de aprobada pasó a madera.

Esta primera imagen de la Virgen de Fátima que se venera en la capilla de las Apariciones, copia casi exacta de una otra imagen de Nuestra Señora da Lapa, obra de la Casa Estrela de Oporto, ejecutada quizás por los mismos escultores que trabajaban simultáneamente para dicha casa y la de Braga. Las únicas diferencias se notaban en la cabeza y el rostro.

Acabada la escultura, fué enviada por ferrocarril para Torres Novas, residencia del donante, Gilberto dos Santos. Allí llegó cierto día de mayo de 1920. Al ser retirada de la caja que la contenía, alguien aproximó intempestivamente una candela y se pegó fuego a la tinta de la parte posterior de la imagen que ha quedado danificada, habiendo de llamarse para repararla el señor Américo Fânzeres. Se desloco este a Torres Novas donde estuvo tres días retocando la imagen y después acompañó el sf. Gilberto a Fátima para entregar la imagen al párroco que era entonces Don Manuel Bento Moreira. Parece que en esa misma fecha Lucia tuvo ocasión de verla y habiendo sido requerida su opinión, dijo: «Nuestra Señora es mucho más bonita; lindísima.»

Se han pasado muchos años y la imagen tuvo que ser pintada y sufrir ligeras reparaciones, sobretudo en la peaña, danificada por miles de objetos religiosos de todo género que en ella tocaban. Volvió a las oficinas del señor Thedim que, al verla, habiendo él mismo sufrido una evolución artística, pensó en aplicarle unas ligeras alteraciones sin que nadie se lo hubiera encargado. Y modificó un poquito los ropajes, sobretudo las mangas de los vestidos; quitó las sandalias de los piés que, ahora, se posaban desnudos sobre la nube; quitó una de las estrellas y afiló un poquito el rostro, aunque afirme que no. Tampoco se recuerda de la fecha de estos cambios, ni existe cualquier documento, carta o factura que nos lo revelen. Por fotos anteriores y posteriores a la reparación se concluye que la misma tuvo lugar entre octubre de 1951 y mayo de 1952.

Estas son las conclusiones a que llega nuestro distinguido colaborador Antunes Borges, después de largos estudios e investigaciones.

## RÉSUMÉS

### AUTHENTICITE DE LA VIE CHRETIENNE

C'est Mgr. Domingos de Pinho Brandão, Evêque Auxiliaire de Leiria, qui a été le prédicateur du pèlerinage du mois d'octobre. Il a prononcé deux sermons au cours de l'Heure Sainte. Dans le premier il a traité de la présence réelle de Jésus dans l'Eucharistie et de la manière dont la vie du chrétien doit être authentique, ou tout au moins en accord avec sa foi. Il a dit qu'il existait actuellement de nombreuses manifestations de pharisaïsme parmi les chrétiens, mais que, comme il a condamné cette façon d'agir parmi les juifs, aujourd'hui encore Jésus Christ continue de la condamner. Le chrétien authentique, a dit l'orateur, c'est celui qui devient le «chrétien de l'Evangile tout entier, de tous les commandements, de toutes les vertus et ceci tous les jours, dans toutes les occasions.» Parmi les vertus signalées, il a insisté sur la charité et l'humilité qui est la vérité, celle qui nous montre et nous donne nos véritables dimensions et la place que nous devons occuper au Service de la Cité de Dieu, dans la Cité des Hommes.

### LE CHRISTIANISME EXIGE DE L'HEROISME

Dans le deuxième sermon de la nuit le prédicateur a rappelé les sacrifices exigés par la vie chrétienne. Citant des paroles récentes du Pape, il a dit que le christianisme était fait pour les hommes forts. Ce serait une erreur de le considérer sans risques, sans sacrifices, sans croix, taillé à notre mesure, respectant nos aises et nos faiblesses d'esprit.

Il a continué en affirmant que l'exemple du Christ, se livrant totalement par amour pour nous, est l'exemple que nous devons suivre dans l'obéissance à la loi de Dieu, au service de nos frères. Rendant les chrétiens responsables de la voie de l'Evangile qu'ils doivent suivre, il a cité des passages de la Constitution «Gaudium et Spes» du II<sup>e</sup> Concile du Vatican: «Dans la genèse de l'athéisme les chrétiens peuvent avoir une part qui n'est pas petite: dans la mesure où, en raison de leur négligence à cultiver leur foi, de leur exposition défectueuse de la doctrine et aussi de leurs manquements dans leur vie religieuse, morale et sociale, on peut dire d'eux qu'ils cachent, au lieu de le révéler, le visage authentique de Dieu et de la religion.»

### EN QUOI CONSISTE LA PAIX

Monseigneur l'Evêque Auxiliaire de Leiria a prêché également à l'Evangile de la messe du 13. Le mot «Paix» apparaissant plusieurs fois dans le Message de Fatima, il a fait à ce propos de pertinentes considérations. En premier lieu, la paix est une paix de conscience et cette paix de conscience suppose une position juste et vraie de l'homme vis à vis de Dieu, vis à vis du prochain, vis à vis de lui-même. Elle est le résultat

de l'accomplissement de leurs devoirs respectifs. Chez le catholique la paix de conscience est d'une certaine manière angoissante, c'est à dire qu'elle ne peut pas être une paix endormie. C'est une paix agissante, dynamique cherchant à réaliser toujours plus et mieux. Le catholique authentique est un insatisfait. Il ne peut y avoir de paix de conscience si l'homme n'accomplit pas ses devoirs. Aussi n'est-il pas facile d'y parvenir: cela suppose effort et lutte.

Se rapportant au message de Fatima, Mgr. dit: «Les deux coordonnées du Message de Fatima sont la pénitence et la prière. La pénitence ne consiste pas d'abord dans les sacrifices intérieures et extérieures. Elle est avant tout changement de vie, adhésion à Dieu, accomplissement du devoir. Elle est encore, et comme conséquence, rénovation intérieure. La prière qui est demandée est, avant la prière des lèvres (nécessaire également), la prière de notre vie, c'est à dire la prière faite avec nos oeuvres, réalisées selon la volonté de Dieu et selon les dictames de notre conscience, formée avec droiture.»

Mais paix de la conscience ne signifie pas assoupissement, bien au contraire. «Chez le catholique conscient la véritable paix de conscience doit s'unir à la préoccupation et à l'effort constant en vue de son perfectionnement personnel, et à l'inquiétude — également constante — et permanente du salut de ses frères ainsi qu'au souci de la réforme des structures. Un chrétien conscient — bien plus un prêtre — n'est pas un homme aux bras croisés, au christianisme bourgeois, un installé dans la vie, ne pensant qu'à lui, s'endormant dans un monde d'idées toutes faites, commodes et favorables. Il doit réformer sa conscience s'adaptant aux exigences de l'Evangile, de la Vérité, de la Justice et de la Charité. Il doit penser aux autres ...

Un peu plus loin, rappelant l'homélie de Paul VI à Fatima, il a cité ce passage: «Hommes, cherchez à être dignes du don de la Paix ... Hommes, soyez bons, soyez sages, ouvrez-vous à la considération du bien total du Monde ... Hommes ne pensez pas à des projets de destruction et de mort, de révolution et de violence; pensez à des projets de bien-être commun et de collaboration solidaire.»

Mgr. a résumé ainsi sa pensée: «A Fatima, Notre-Dame a promis la Paix, mais Elle a fait dépendre Sa promesse de ces conditions: «Si vous faites ce que je vous dis», et: «Si vous écoutez mes demandes». Dans ces deux conditions, en plus des autres exigences, se trouve incluse la recommandation insistante de Notre-Dame: pénitence et prière. La paix des consciences ne peut s'obtenir sans la pénitence et la prière dans le sens du message de Fatima. Il en est de même pour la Paix de l'Eglise et du Monde. Nous ne vivons pas en Paix, mais nous sommes les ouvriers de la Paix. Nous le sommes ou nous devons l'être.»

### LA IÈRE STATUE DE NOTRE-DAME DE FATIMA

La première représentation iconographique de Notre-Dame vue à Fatima, fut une estampe qu'un certain commerçant dévot fit exécuter pour distribuer

ou vendre aux milliers de pèlerins réunis à la Cova da Iria le jour même du 13 octobre 1917. Les lecteurs peuvent voir la reproduction de cette première estampe dans ce numéro de notre revue, à la page 2.

Entre-temps la première chapelle fut édifée sur le lieu où la Vierge était apparue sur un chêne-vert, chapelle dont la niche, durant quelque temps attendit que quelqu'un fit exécuter et y installer une statue de Notre-Dame déjà connue sous le nom de Notre-Dame de Fatima. Ce fut en 1920. Ce dévot de Notre-Dame se présenta dans la personne de Gilberto Fernandes dos Santos. Il commanda à la Maison Fânzeres de Braga une statue qui semblait répondre à la description que les petits voyants lui avaient faite à lui-même. La Maison Fânzeres chargea du travail un sculpteur de São Mamede do Coronado, près de Porto, José Ferreira Thedim. Celui-ci devait ainsi rester lié à l'histoire de Fatima. Il présenta une maquette en terre cuite, qui fut approuvée et qu'il réalisa ensuite en bois.

Cette première statue de Notre-Dame de Fatima, que l'on vénère dans la petite chapelle des Apparitions, est la copie presque exacte d'une autre statue dite Notre-Dame de Lapa, oeuvre de la Maison Estrela de Porto, exécutée peut-être par les mêmes sculpteurs qui travaillaient pour la Maison Fânzeres. Cependant le visage est légèrement différent.

La sculpture une fois terminée, la statue fut envoyée, par chemin de fer, vers Torres Novas, où résidait le donateur, Gilberto dos Santos. Elle arriva à un certain jour de mai 1920. En la tirant de la caisse où elle se trouvait quelqu'un approcha intempestivement une bougie et mit feu à la partie arrière de la sculpture qui fut abîmée. Monsieur Américo Fânzeres fut appelé pour la réparer. Il vint à Torres Novas où il passa trois jours à retoucher la statue endommagée. Ensuite il accompagna Monsieur Gilberto Fernandes dos Santos à Fatima pour remettre la statue au curé, qui était alors le Père Manuel Bento Moreira. Il parut qu'à cette occasion Lucie eut l'opportunité de voir la statue. On lui demanda son opinion, elle répondit: «Notre-Dame est beaucoup plus belle; Elle est très jolie.»

Bien des années ont passé et la statue de la petite chapelle a eu besoin d'être peinte et d'avoir certaines réparations, surtout le piedouche abîmé par les mil milliers et milliers d'objets religieux les plus variés qui l'avaient touchée. Elle est retournée aux ateliers de Mr. Thedim. Celui-ci, en la voyant, ayant lui-même évolué heureusement sur le plan artistique, pensa de sa propre initiative, lui faire subir quelques légères modifications. Il transforma un peu l'habit, spécialement les manches; il supprima les sandales. Les pieds nus reposent maintenant sur les nuages; il enleva également une des étoiles et affina un peu le visage, bien qu'il s'en défend. A quelle date eurent lieu ces modifications? Aucun document, lettre ou facture, ne nous le révèle. Suivant des photographies antérieures et postérieures à la réparation on pense que ce fut entre Octobre 1951 et Mai 1952.

Telles sont les conclusions auxquelles arrive notre distingué collaborateur Antunes Borges, après une étude et des recherches prolongées.

## SUMMARY

### AUTHENTICITY OF THE CHRISTIAN LIFE

Mgr. Domingos de Pinho Brandão, Auxiliary Bishop of Leiria, was the preacher at the October pilgrimage. During the nocturnal Holy Hour he gave two sermons, the first of which concerned the Real Presence of Jesus in the Eucharist, and life of a Christian which ought to be authentic, or rather, consistent with his faith. He said that, at present, there are many manifestations of pharisaism existing among Christians, but that just as Jesus Christ condemned such a mode of procedure among the Jews, so does He continue to condemn it today. The authentic Christian, the preacher said, is he who is christianised by the whole Gospel, all the commandments, all the virtues, every day, on all occasions. Among the more notable virtues he stressed charity and also humility, which shows us and gives us our true dimensions and the place we ought to occupy in the service of the City of God and the City of Men.

### CHRISTIANISM REQUIRES HEROISM

In the second sermon of the night, the preacher referred to the sacrifices required by the Christian life. Quoting recent words of the Pope, he said that Christianity is for the strong. It would be an error to consider it as without risk, without sacrifice, without the cross, fashioned to the measure of our convenience or our weaknesses of mind.

He continued, affirming that the example of Christ, in a total surrender of our love, is the example which we must follow, whether it be in obedience to the law of God or in service to our brothers. Holding Christians responsible for the way of the Gospel that they ought to follow, he quoted words from the Constitution «Gaudium et Spes» of the II Vatican Council: «Believers can have more than a little to do with the birth of atheism. To the extent that they neglect their own training in the faith, or teach erroneous doctrine, or are deficient in their religious, moral, or social life, they must be said to conceal rather than reveal the authentic face of God and religion.»

### IN WHAT PEACE CONSISTS

On the 13th at the Gospel of the Mass, it was also the Auxiliary Bishop of Leiria who preached the homily. Regarding the Message of Fatima in which the word «Peace» appears so many times, he made some relevant observations. In the first place, peace is the peace of conscience, and peace of conscience supposes the just and true ordering of man towards God, towards his neighbour and towards himself. It results from the fulfilment of his

respective duties in life. For the Catholic, peace of conscience is to some degree painful, that is to say it is not a peace in repose. It is an active, dynamic peace, always seeking and realizing something more and something better. The authentic Catholic is never satisfied. Man can have no peace of conscience if he does not carry out his duties, and that is not easily done. It supposes effort and struggle.

Referring to the Message of Fatima, he said: «The two great coordinating factors of the Message of Fatima are penance and prayer. Penance is, before interior and exterior sacrifices, amendment of life, adherence to God, fulfilment of duty. Further and consequently it is our interior renewal. Prayer that intercedes is, rather than the prayer of the lips (also necessary), the prayer of our life, that is the prayer made with our works, realized according to the will of God and according to the dictates of our conscience rightly formed».

But peace of conscience does not mean a state of repose, rather the contrary: «In the conscientious Catholic, true peace of conscience must be joined to preoccupation and constant effort towards individual perfection, preoccupation — equally constant and permanent — about the salvation of his brothers, and preoccupation about the reform of structures. A conscientious Christian — and much more a priest — is not a man with his arms crossed, of ordinary Christianity, installed in life, thinking of himself, sleeping in a world of convenient and favourable fixed ideas. He has to reform his conscience and adapt himself to the requirements of the Gospel, of Truth, Justice and Charity, and he must think of others ...»

Further on, recalling the homily of Paul VI in Fatima, he quoted this passage: «I call upon all men to strive to be worthy of the divine gift of Peace ... Be good, wise, open to the consideration of the common good of the world ... Do not contemplate projects of destruction and of death, of revolution and of violence; but think rather of projects of mutual strengthening and of solid collaboration».

He concluded then by summing up his considerations: «In Fatima, Our Lady promised Peace, but She made the promise depend on these conditions: «if they do what I tell you» and «if you heed my requests». In these two conditions, besides other requirements, the insistent recommendation of penance and prayer made by Our Lady is included. Peace of conscience cannot be obtained without penance and prayer, in the meaning of the Message of Fatima.

Likewise regarding Peace in the Church and the World, we do not live in Peace, but we are workers towards Peace. We are or ought to be such.»

### THE FIRST STATUE OF OUR LADY OF FATIMA

The first iconographic representation of Our Lady's apparition in Fatima was a picture which a certain devout business man had made to be distributed or sold to the thousands of pilgrims who gathered in the Cova da Iria on the very 13th day of October, 1917. Our

readers can see a reproduction of this first holy picture in this number of our review, on page 2.

Meanwhile the first Chapel was built on the spot where Our Lady appeared above the holmoak, a Chapel with a niche, awaiting someone who would have a Statue of Our Lady made and placed there, a statue of Our Lady of Fatima as She was now called. This came to pass in 1920. This devout client appeared in the person of Gilberto Fernandes dos Santos who ordered a statue from Casa Fânzeres of Braga, made according to the description which he, Gilberto, sent them, after having obtained all the details through conversations with the seers, Casa Fânzeres, in their turn, entrusted the work to a sculptor in São Mamede de Coronado, near Porto, to make a model on the description given by Gilberto Fernandes dos Santos. This sculptor was José Ferreira Thedim, who thus became associated with the history of Fatima. He presented a model in clay which, being approved, he then executed in wood.

This first statue of Our Lady of Fatima, which is venerated in the little Chapel of the Apparitions, is almost an exact copy of another statue of Our Lady of Lapa venerated by the faithful in some places, the work of Casa Estrela in Porto and sculptured perhaps by the same sculptors who worked for Casa Fânzeres. The only difference is in the head and face.

The sculpturing having been completed, the statue was sent by rail to Torres Novas, to the residence of the donor, Gilberto dos Santos. It arrived there on a May day in 1920. On being taken from the box in which it was transported, some one came too close to it with a lighted candle and the paint on the back of the statue caught fire, damaging it somewhat. Mr. Américo Fânzeres was called in to repair it. He arrived at Torres Novas and spent three days there, touching up the damaged part, and then accompanied Gilberto Fernandes dos Santos to Fatima to hand over the Statue to the parish priest who, at that time, was Fr. Manuel Bento Moreira. It seems that on this occasion Lucia had the opportunity of seeing the statue, and her opinion being asked, she replied: «Our Lady is far nicer. She is most beautiful.»

Several years passed and the statue in the Capelinha needed to be painted and to undergo certain repairs, above all the pedestal which was damaged by the thousands and thousands of the most varied religious articles touched to it. It returned to the studio of Mr. Thedim who, on seeing it, he by then having developed a fine artistic sense, thought about applying some slight modifications to it, although no one had suggested these to him. Thus he modified the dress arrangement, the sleeves mainly, took away the sandals so that now the bare feet rested on the clouds. He removed one of the stars and shaped the face a little, although he does not remember doing this. Neither does he remember the date of these modifications, nor does any document, letter or bill make it known to us. Through photographs taken before and after the repairs, it has been concluded that they were done between October of 1951 and May of 1952.

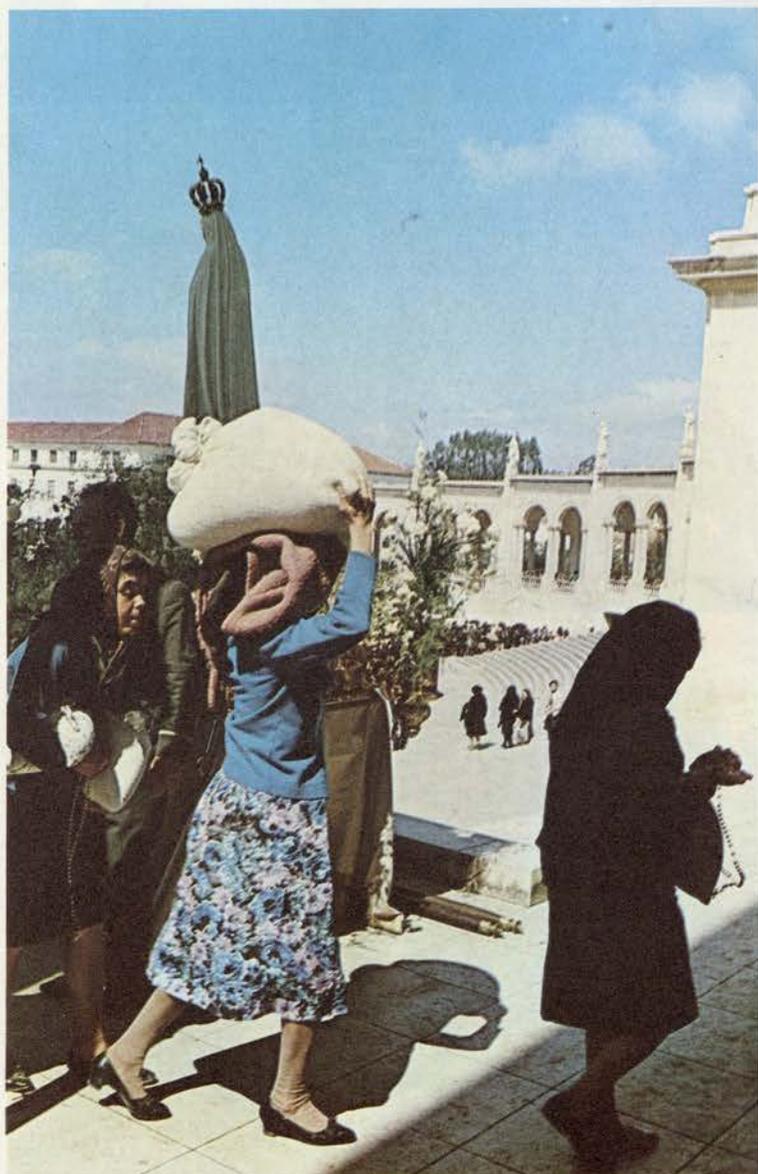
These are the conclusions at which our distinguished collaborator, Antunes Borges, has arrived, after prolonged study and investigation.



## FÁTIMA NO MUNDO

O senhor Bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio, ofereceu ao Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe, na cidade do México, uma imagem da Virgem Peregrina de Fátima. Foi ele mesmo levá-la, a convite do Exército Azul de Nossa Senhora de Fátima. A convite do mesmo organismo, acompanhou-o o nosso director, Revmo. Côn. dr. José Galamba de Oliveira. Oferecemos algumas fotografias da entrada da imagem na cidade e sua entrega ao Prelado local. Foi na altura do Congresso Eucarístico Internacional de Bogotá para onde se dirigia D. João Pereira Venâncio.





Triunfal recepção da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima, em Bogotá, Agosto de 1968 — Fotos acima e ao fundo —

Tradicional oferta do trigo para o Santuário — 13 de Agosto de 1968 — Foto à esquerda.

